

MARIA LYRA MÜLLER

A TRANSIÇÃO DO CICLO PATRIARCAL PARA O CICLO DE ALTERIDADE:  
Reflexões sobre o desenvolvimento da consciência de Alteridade na sociedade ocidental  
contemporânea.



Faculdade de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo  
2008

MARIA LYRA MÜLLER

A TRANSIÇÃO DO CICLO PATRIARCAL PARA O CICLO DE ALTERIDADE:  
Reflexões sobre o desenvolvimento da consciência de Alteridade na sociedade ocidental  
contemporânea.

Trabalho de conclusão de curso como exigência  
parcial para graduação no curso de Psicologia, sob  
orientação da Profa. Dra. Talitha Ferraz de Souza



Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo  
2008

## **Agradecimentos**

Antes de tudo gostaria de agradecer a faculdade de Psicologia (corpo de professores, colegas e direção) por investir em um fechamento para processo de cinco anos de formação, que é o TCC. Através dele cada aluno pode se colocar individualmente, se apropriando do aprendeu da Psicologia nestes anos tão intensos.

À Faculdade de psicologia da PUC-SP por anos e anos de busca por um melhor ensino e a partir dele a busca por uma melhor Psicologia.

Aos professores que nos transmitiram seus conhecimentos e experiências pessoais, em sua maioria, de forma dedicada e apaixonada.

À Direção da Faculdade por uma abertura ao diálogo, um acolhimento das necessidades individuais de cada aluno e uma dedicação incrível. Obrigada!

Aos meus colegas que durante estes anos foram companheiros -de questões, revoltas, piadas à cerca da psicologia -, modelos de formas diferentes de aprender e pares com quem pude dialogar sobre o que a formação pulsava em mim. Em especial à turma E-2004, à Elis por mais uma quase parceria e à Gabi, querida.

Agradeço imensamente a minha professora de seminários, Marina Pereira Gomes, que acreditou dede o início no meu tema e à professora Talitha Ferraz de Souza que me orientou durante este ano. A orientação dela foi muito importante para complementar faltas minhas. Reforçando uma preocupação pela forma e pelo rigor acadêmico. Muito obrigada pelas correções incansáveis e pelo acolhimento às minhas dificuldades!

Gostaria de agradecer aos professores do núcleo de Crise de 2008, pela inspiração, paixão e vontade de tornar a prática da psicologia algo cada vez mais consistente e potente na sociedade. Em especial à professora Felícia Knobloch pelo exemplo de profissional e ser humano, neste ano tão intenso.

E aos professores do núcleo de Psicologia Analítica de 2008, igualmente pela inspiração e pela coragem de pensar de forma mais sensível, integral e transcendente o mundo por vezes tão fragmentado e objetivista. Em especial a professora Marisa Penna pela sensibilidade e sutileza ímpar e a professora Eloísa Damasco Penna por este ano de tantas descobertas no meu encontro com o Outro em mim e nos pacientes da clínica da faculdade. Obrigada!

Gostaria de agradecer à minha escola (Escola Waldorf de São Paulo), por acompanhar meu amadurecimento e sempre me dar espaço para um pensar e um criar livres. Percebi através do presente trabalho que as indagações e a busca por uma visão de mundo e de ser humano como um todo holístico, por uma relação mais ética com os acontecimentos deste mundo e por uma forma de viver, mais espontânea, mais potente, mais estética e menos temerosa de sua própria intensidade, me acompanham desde lá.

Á minha madrinha Elza pelo cuidado, entusiasmo com o meu futuro e pelo companheirismo.

Á Maria Soler por reavivar o feminino em mim.

Á Sylvia Pupo Netto por estes anos de acolhimento, por me devolver a mim mesma de forma mais madura e pelo espaço de referência e de encontro com meus aspectos negros e primitivos.

Ao meu pai, Nestor Müller, pela presença constante na minha vida como um todo, na minha vida acadêmica e especialmente neste trabalho. Por me ouvir sempre, por acolher minhas insatisfações, mágoas, infantilidades e sentimentos irracionais. A sua ausência me fez crescer e a sua presença me aprimorou. Obrigada!

À Lia Pitiluk que minuciosamente revisou uma parte do trabalho me dando uma referência de como meu texto poderia se tornar mais claro e mais poderoso na sua intenção. Valorizando as minhas produções pessoais. Que geraram em mim, um primeiro sentimento de satisfação em relação ao resultado da minha pesquisa.

Aos meus familiares e meus amigos (irmãos queridos), companheiros de vida, dos dramas, perdições, angústias e celebrações de cada dia.

E por fim, por que nela reside o princípio de tudo, à minha mãe, Safira Lyra. Companheira, patrocinadora e defensora de todas as minhas empreitadas. Obrigada pelo amor imenso, pela preocupação (também imensa) e pela disponibilidade generosa. Por me ensinar que a vida tem razão em todos os casos e me mostrar que eu tenho um superego insuportável. Muito obrigada por tudo!

E nem por fim, nem por começo, agradeço ao meu Self, ao cosmos, às sincronicidades, aos sonhos, que dão a vida uma pitada transcendental, mágica e misteriosa. Que me transmitem a sensação de ligação com algo mais profundo em mim e no coletivo.

Área: Psicologia 7.07.00.00-1

Maria Lyra Müller: A Transição do Ciclo Patriarcal para o Ciclo de Alteridade:  
Reflexões sobre o desenvolvimento da consciência de Alteridade na sociedade ocidental contemporânea, 2008

Orientadora: Profa. Dra. Talitha Ferraz de Souza

Palavras-chave: Processo de Desenvolvimento da Consciência, Transição, Alteridade, Psicologia Analítica.

### **Resumo**

O presente trabalho tem como tema o período de transição do ciclo Patriarcal para o ciclo de Alteridade no processo de desenvolvimento da consciência, a partir da concepção da Psicologia Analítica; bem como a crise, as angústias e as implicações psíquicas e sociais decorrentes deste processo. Este trabalho foi dividido em três etapas: 1. O estudo do contexto do fenômeno ( a transição entre os ciclos), na Psicologia Analítica e na história da cultura ocidental; 2. O aprofundamento teórico dos principais fatores envolvidos: o processo de desenvolvimento da consciência, o conceito de Alteridade e o retorno de aspectos matriarcais; e 3. Busca e pesquisa de manifestações (artísticas, sociais, entre outras), que expressem o retorno de aspectos matriarcais, o desenvolvimento de uma consciência de alteridade e o final do ciclo patriarcal, com o intuito de trazer para o concreto o que foi trabalhado de forma teórica.

Ao final deste percurso sustentamos que vivemos um período de crise decorrente de uma transformação na consciência ocidental que agora, se depara com a desconstrução de preceitos e pressupostos na busca de novos paradigmas. E todas as desigualdades e fatalidades que nesta crise puderam vir à tona expressam um intenso desequilíbrio entre o que é consciente e inconsciente entre o Eu e o Outro, assim como entre o Eu e seu meio ambiente (natureza, corpo). Mas que, a partir de uma visão processual desta conjuntura, como parte de um desenvolvimento coletivo, pode se perceber um sentido para a crise vivida.

## Sumário

INTRODUÇÃO	1
MÉTODO	6
1. CONCEITOS INTRODUTÓRIOS À PSICOLOGIA ANALÍTICA	9
2. O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA	16
2.1- O ciclo matriarcal	17
2.2- O ciclo patriarcal e seu declínio	26
2.3- O ciclo da alteridade	36
2.4- O ciclo cósmico e o Uroboros	41
3. ALTERIDADE	43
4. REFLEXÕES SOBRE FEMINILIDADE, ECOLOGIA E CRIATIVIDADE	51
4.1- Alienação e diversidade	51
4.2- Alteridade, um movimento	54
4.3- O retorno da Deusa	57
4.4- Criatividade	60
5. ALTERIDADE COMO SUSTENTAÇÃO DE UMA SAÚDE MENTAL	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72
REFERÊNCIAS DAS IMAGENS	75

## Introdução

*O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais se engendram fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a implantação da vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos, individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração.* (Felix Guattari. 1990, pg. 07)

O presente trabalho tem como base teórica a Psicologia Analítica. Pretendo com ele investigar dois momentos específicos do processo de desenvolvimento da consciência humana: a transição do ciclo Patriarcal para o de Alteridade e o ciclo de Alteridade em si. Esta divisão do processo em ciclos foi sistematizada por Byington (1987), baseada em uma primeira proposta de Jung (*apud* Stein, 2005) e permeada por contribuições de Stein e de Whitmont, também pesquisadores do tema.

O estudo do desenvolvimento da consciência tem como base a história do desenvolvimento humano, desde seus primórdios. Por isso é possível atribuir características arquetípicas diferentes a cada novo momento histórico: arquétipo Matriarcal, arquétipo Patriarcal, arquétipo de Alteridade e arquétipo de Totalidade. Esta análise poderia ser dividida em séculos, décadas, culturas específicas; mas, no presente trabalho, será feita uma breve exposição de todos os ciclos, de um modo geral, abrangendo a história humana como um todo, focalizando apenas a civilização ocidental. A idéia, é que, a partir de um contexto histórico específico, possamos pensar no que vivemos agora e no que se espera do futuro. De fato todos os autores citados se estendem além do presente, projetando uma tendência futura para o desenvolvimento da consciência, e trabalharemos neste mesmo sentido.

A visão da Psicologia Analítica é a base para a discussão, mas pareciam faltar referências de um olhar mais atual sobre o nosso tempo histórico. Por isso resolvi convidar Guattari entre outros, Freire, Baumann, Pinheiro, Marçolla, Amarante, Lancetti, para complementar a visão da Psicologia Analítica. Alguns dos autores são igualmente psicólogos, mas outros são sociólogos, outros filósofos, e assim em diante. Todos os autores são considerados referências de como se pensar as questões sociais e ambientais, as relações humanas e a saúde mental nos dias de hoje. Este olhar de fora da Psicologia Analítica serviu de contraponto a esta última, assim como de amostra do período contemporâneo (os séculos XX e XXI): como sabemos o olhar de cada autor expressa necessariamente o olhar de uma determinada época.



A Psicologia Analítica permite o olhar simbólico sobre um fenômeno, sua abertura ao inconsciente, ao movimento de amadurecimento da psique, e faz perceber um sentido no que se apresenta. Esta visão nos permite olhar a história como um processo de desenvolvimento que se baseia no diálogo da consciência com o inconsciente.

Durante estes cinco anos de formação em Psicologia estudamos as mais diversas teorias, que alternavam seus focos entre o subjetivo, o objetivo, o social/coletivo e o individual, o transcendente e uma crítica ao transcendente. Como não acredito que apenas um destes aspectos dê conta da complexidade humana, escolhi uma abordagem por afinidade e por compactuar com a sua visão, mas sem nunca considerá-la absoluta. Na teoria junguiana, especificamente, sempre senti falta de uma abordagem mais social; talvez por isso, também, eu tenha sentido necessidade de complementar a minha base para este trabalho com outros autores com esta vertente mais explícita.

O convite, feito aos autores de outras áreas, pode ser relacionado ao fato de durante o meu último ano de graduação eu ter cursado as eletivas de Psicologia Analítica e de Crise e ter ambicionado desde o início fazer um trabalho que pudesse unir aspectos de ambas, por considerá-las complementares. A exploração de um sentido intrínseco e transcendente aos fenômenos e um olhar mais processual e simbólico que faltava em uma e a potencia transformadora e de implementação prática e consistente de uma Psicologia que pensa as instituições, as famílias e formas mais eficazes e, ao mesmo tempo, adaptada aos diversos contextos, de exercer a sua prática, que faltava na outra.

A inquietação que motivou minha primeira escolha de tema para este trabalho, foi a crise ambiental, o desequilíbrio ecológico que vivemos. Eu queria entender por que chegamos neste ponto e por que, com tantas questões, angústias e preocupações, não mudamos a nossa conduta frente ao meio ambiente. A pergunta básica era: por que não fazemos o que sabemos que devemos fazer?

Racionalmente me ocorria que não era possível nossos erros, entrar em contato com possíveis saídas alternativas e novos modos de habitar o nosso mundo, e ainda assim não mudar. Trata-se, no mínimo, de uma séria dissociação. Comecei a estudar um pouco para entender por que era tão difícil cuidar do meio ambiente, agir de forma mais ecológica. Seria uma paralisação frente à angústia a que o assunto remetia? Ou ao contrário, uma indiferença ao tema? Será que as pessoas se sentem muito

pressionadas, e então, pensar em mudar hábitos soa como algum tipo de sacrifício sem sentido e sem um ganho pessoal?

Esta última questão me fez pensar sobre a importância do desejo e de um sentido nas mudanças. Penso que frente ao desequilíbrio que vivemos - social, ambiental, emocional, econômico, político - uma mudança de governo, de estratégia de educação não resolveriam.

Frente a uma crise que mobiliza tanta angústia e medo do que está por vir, as mudanças não aconteceriam por uma pura conclusão lógica, do tipo: Não estamos bem, temos que mudar, estudamos estas e estas soluções... São muitos os aspectos envolvidos e, profundamente interligados. Necessita-se de mudanças que dependem do hábito de cada família, e que, portanto carreguem sentidos e desejos mobilizadores, capazes de contrapor a força paralisante da angústia.

A partir daí procurei entender os processos de transformação, de mudança de um modo de agir para outro. Comecei a estudar o processo de desenvolvimento da consciência e mudei um pouco o foco. A crise ambiental, apesar de ser uma questão muito presente e fundamental, configurou-se como um sintoma de uma crise maior

Em meio a uma sociedade onde os desejos e os sentidos são subtraídos do trabalho transformador da realidade, a visão fragmentada e individualizada da história não nos permite ligá-la ao processo de desenvolvimento coletivo. Neste contexto pensar numa construção para um coletivo se torna algo sem sentido que compunha um processo. Ao longo do trabalho, no entanto exemplos referentes ao meio ambiente serão recorrentes. Concluí então que estudar o processo de desenvolvimento da consciência seria uma forma de construir sentido.

Indo mais além, percebi que a crise faz parte de um momento de transição de um tipo de consciência para outro. Que também envolve questões de gênero, de relações sociais, de costumes e crenças. Mas, fundamentalmente, envolve a relação do Eu com o inconsciente, do Eu com um Outro<sup>1</sup> que representa tudo o que há fora de si. Esta “outridade”, esta relação com o que nos é estranho, estava muito implicada no que comecei a desbravar desta crise. Por isso dediquei dois capítulos a ela.

---

<sup>1</sup> Outro será colocado, aqui, com maiúscula, para representar tudo o que é estrangeiro ao Eu. Uma outra pessoa, o meio ambiente, aspectos de si que ele desconhece e o Inconsciente, etc.

A importância deste tema está justamente na discussão da importância da Alteridade para o processo de desenvolvimento.

A monografia será dividida em 5 capítulos. O primeiro, “Conceitos introdutórios a Psicologia Analítica”, fará a introdução de alguns aspectos gerais da Psicologia Analítica - como o processo de Individuação e o movimento dialético entre pólos opostos - essenciais ao que será desenvolvido nos próximos capítulos. Outros conceitos, também importantes, serão introduzidos em outros capítulos conforme o desenrolar da discussão. Para fazê-lo, tomaremos como referência o livro *O Mapa da Alma* de Murray Stein (2005), uma sistematização dos princípios da Psicologia Analítica. Este capítulo será inteiramente baseado neste texto.

O segundo capítulo, “O processo de evolução da consciência”, trata de uma exposição do processo de evolução da consciência a partir de Stein, Byington, Jung (*apud* Stein) e Whitmont. E com o entrelaçamento da visão dos autores é possível ter uma sustentação para o tema focalizado.

No terceiro capítulo, “Alteridade”, busca-se outras referências para este conceito. Alguns filósofos e pesquisadores do assunto nos conduzirão por uma discussão sobre o que é e o que não é Alteridade e vão dialogar entre si traçando assim um perfil para este conceito. Neste capítulo é colocada ainda a importância de uma Ética na Alteridade.

Exemplos e associações são expostos no quarto capítulo, “Reflexão sobre Feminilidade, Ecologia e Criatividade”. O título enfatiza duas fortes características da Alteridade: a abundância criativa e a chamada do Eu a comparecer e se implicar no coletivo. Novos conceitos são somados, tanto ao ciclo da Alteridade como às características da Psicologia Analítica. E aspectos relevantes para o ciclo são explorados, tais como o retorno de elementos femininos, alguns desequilíbrios no ciclo Patriarcal e do ciclo de Alteridade, na contemporaneidade.

No quinto capítulo, “Alteridade como sustentação de uma saúde mental”, relacionamos a transição entre os dois ciclos (Patriarcal e de Alteridade) com o campo da saúde mental, explorando as de desenvolvimento da saúde mental a partir da Alteridade.

Gostaria, por fim, de deixar clara a dificuldade de abordar um tema contemporâneo, sem a possibilidade de um afastamento temporal e pessoal. Falar da época em que vivemos exigiu de mim

um esforço para não tentar solucionar as questões que só o tempo resolverá. Por outro lado, fazendo coro à Jung, não apostaria em uma separação rígida

*Jung critica a exigência de objetividade dos métodos científicos, declarando que conhecimento e autoconhecimento são indissociáveis e condicionados pela psique do pesquisador (Penna, 2006 pg.18)*

## **Metodologia**

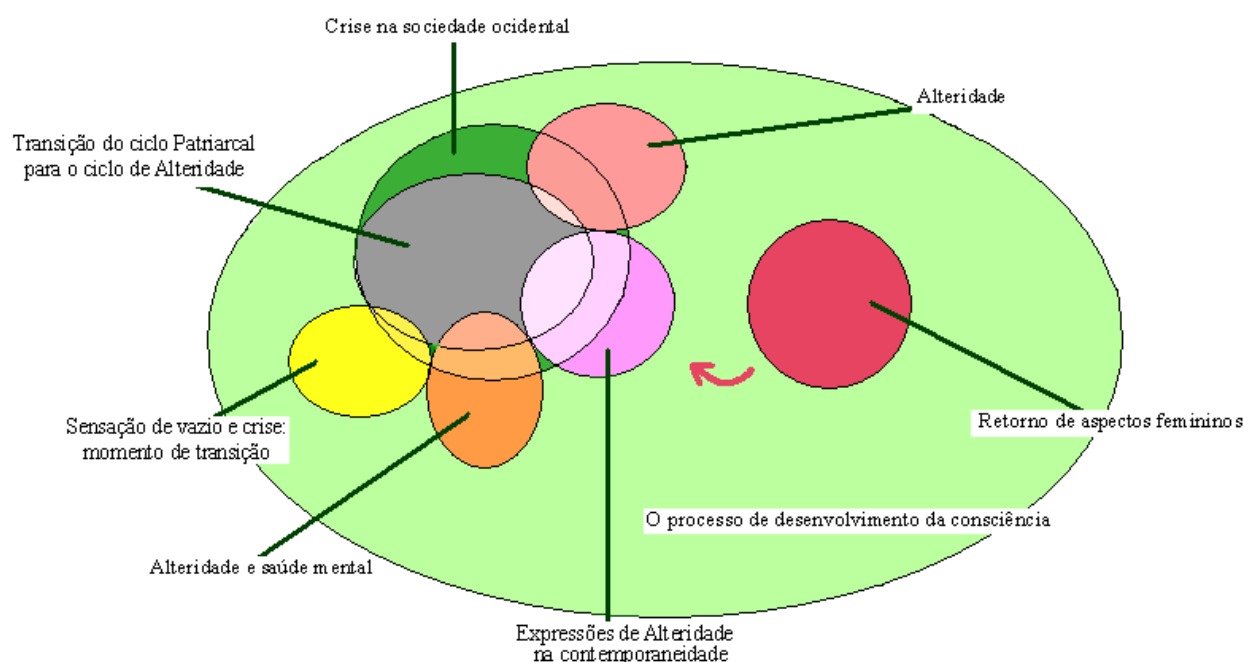
A primeira etapa desta pesquisa foi um levantamento abrangente sobre tópicos chave como: desenvolvimento da consciência, ecologia, sociedade pós-moderna, ética, etc. Com o tempo, o trabalho foi ganhando uma forma mais clara. Um foco foi se definindo. Assim como a cada nova delimitação, novas pesquisas se fizeram necessárias. Isso porque o processo é orgânico, tem uma vida própria. Percebi que fazer o TCC era também ser feita por ele e sua temática.

A pesquisa contemplou diferentes autores da Psicologia Analítica e outros de diferentes áreas de conhecimento, para além da Psicologia, relacionados ao trabalho pelo tema. As idéias antes eram dispersas, como parágrafos que diziam respeito ao que eu estava procurando, mas que não se relacionavam diretamente. O trabalho foi, muito mais, conseguir tecer um texto com todos os olhares que pareciam ter um mesmo tom, um mesmo sentido. Todos com um sabor de atualidade, de transgressão e quebra de paradigmas.

Durante todo o tempo da construção do trabalho, muitas experiências que vivi e coisas que vi me remeteram ao tema, alguns consegui inserir aqui, outros não. Tentei equilibrar sempre tudo o que em mim individualmente pulsava com o que encontrava e também com o que deveria cumprir formalmente. Dentro da abordagem escolhida, considero que não é possível escrever um texto puramente objetivo. Segundo Penna (2003) o mais verdadeiro é apresentar sempre os dois lados, objetivo e subjetivo, as formas intrínsecas e extrínsecas de se relacionar com o tema. Isto não só é possível como importante. Diria então que neste trabalho há isto. Na introdução, na metodologia e na conclusão, apresento considerações mais subjetivas e por isso estes três capítulos estão escritos na primeira pessoa. O restante do trabalho, por outro lado, é apresentado na terceira pessoa, já com maior objetividade.

Este trabalho teve um movimento de evolução menos vertical e mais em forma de teia: não apenas um foco, mas o contexto, as expressões, as associações.

Abaixo proponho uma representação da construção do trabalho.



Optei por incluir no trabalho um capítulo de caráter mais ilustrativo, composto de reflexões sobre as expressões e representações da Alteridade: exemplos que concretizam os dinamismos abordados em teoria. Um capítulo de temas diversos, entre os quais não é feita uma relação explícita, á princípio. São como braços de um polvo, relacionados apenas pelo corpo do próprio polvo. Estas ilustrações, com este tipo de (não) organização, são importantes em face do aspecto não palpável do que se projeta para o futuro.

As principais fontes bibliográficas foram: “O Mapa da Alma” (Murray Stein, 2005), a partir do qual falamos dos conceitos básicos da Psicologia Analítica e da teoria de Jung sobre as etapas de desenvolvimento da consciência; “Desenvolvimento da personalidade.”, ( Carlos Byington - médico psiquiatra e analista junguiano - autor da teoria dos quatro ciclos de evolução da consciência, 1987), que deu a estrutura para todo o desenvolvimento do meu tema de pesquisa; “As três ecologias” ( Félix Guattari,1990), presente em muitas epígrafes de capítulos ou sub-capítulos, que me serviu de inspiração e guia, sendo muito relevante para o meu processo de amadurecimento do tema; “Comunidade” (Zygmunt Baumann, sociólogo polonês, 2003 - que escreveu nos últimos anos um número significativo de livros sobre a sociedade pós-moderna) que aqui serviu de referência de um pensar à sociedade e suas formas; e “O lugar da Alteridade na Psicologia Ambiental” (Alencar et Freire, 2002) que contém uma importante revisão bibliográfica acerca do conceito de Alteridade.

Como base para o método, foram consultados dois textos de Eloísa Penna , importante referência de metodologia de pesquisa em Psicologia Analítica: “Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung”, 2003 e “Pesquisa em Psicologia analítica, reflexões sobre o inconsciente do pesquisador.”, 2007.

Importante ressaltar a contribuição da autora não só na elaboração metodológica, mas durante o desenvolvimento do tema deste trabalho. Ainda um outro artigo seu foi utilizado “Jung e a pós-modernidade” (2007) e passagens das três referências são encontradas ao longo do texto..

## 1. Conceitos introdutórios à Psicologia Analítica.

A Psicologia Analítica é caracterizada, entre outros aspectos, pela visão do desenvolvimento humano individual como um processo, um caminho arquetípico (potencial) a ser percorrido, chamado de processo de Individuação.

Esta teoria considera a vida como um fluxo, com uma cadência e ritmo próprios. O movimento dialético se dá na busca de equilíbrio. Por isso na Psicologia Analítica frente a um acontecimento, além de nos perguntarmos “por quê?”, perguntamos “para quê?”. O “por quê” estabelece uma causa para o que aconteceu, mas o “para quê” estabelece um sentido, uma finalidade para aquilo; há um rumo, que determina um porvir futuro. Como um rio que deságua no mar, é na direção do Self e da compensação consciente-inconsciente que a vida e o ego se desenrolam, fluem.

A dialética, como diz o nome, é o diálogo entre *dois*: dois pólos, duas pessoas, dois inconscientes, dois campos (consciente - inconsciente). Um processo dinâmico de trocas, interações e mútuas interferências que transformam as suas partes constituintes. Gera paradoxos, contradições e tensões, e também confluências. Do movimento dos pólos - tese e antítese - resulta uma interação, chamada “síntese” que se constitui em um terceiro que supera a dualidade. Um símbolo transcendente. Esta é a forma junguiana de pensar as relações, os elementos constituintes da psique e de interpretá-los.

Pensando desta forma dialética, há sempre uma resposta, um afetação, uma compensação e uma regulação mútua entre os campos. Diálogo que pode se dar também no interior de nós mesmos, entre dois aspectos que nos compõem. Jung (*apud* Stein2005) afirma que a consciência humana, ativa ou passivamente, se abre alternadamente a um e outro pólo por escolha ou como consequência. Assim se dá a transformação: o novo, quando se acomoda e vira ordinário, abre espaço para mais uma tese-antítese-síntese e, assim, para uma transformação.

O que foi observado por Jung é que, num dado momento de vida, buscamos qualidades e características de um dos pólos, como forma de superar formas antigas ou já insuficientes de pensar, sentir, etc. Ou seja, uma incompletude nos faz buscar outra referência. O pólo complementar, mesmo que deslocado para o inconsciente, continua existindo e exercendo influência em nós e mais tarde, através do movimento de compensação, tende a ressurgir na consciência. Isso nem sempre ocorre de



uma forma agradável, uma vez que aquele pólo representa justamente aquilo que não queremos ou não podemos enxergar. Por isso o chamamos de “Sombra”. São os nossos retratos de Dorian Gray<sup>2</sup>.

A dialética se dá essencialmente entre os conteúdos conscientes e inconscientes. O que está polarizado na consciência é balanceado com o que é inconsciente. A cada alternância da consciência entre os pólos ocorrem, na consciência, sínteses entre os dois que, ao longo do tempo, fazem com que estes (os pólos) se tornem cada vez menos opostos. Desta forma a consciência estabelece uma relação progressivamente mais complexa e menos radical entre eles.

Esta regulação se chama função compensatória do inconsciente, que através do Self contrapõe as polarizações e cisões da consciência com manifestações dos conteúdos rejeitados, não tolerados, etc.

Quando adotamos uma postura dialética, lidamos com todos os lados que nos integram; bem e mal, certo e errado tornam-se construções pessoais e contextuais, que não possuem um valor em si mesmos. Cada momento histórico elege um e outro potencial como seu guia, sua meta. Assim como determina que outros não o são. E a Sombra pode ser percebida como uma potencialidade escondida e submetida a uma distorção. Por isso, ao tratar de um valor, uma tendência da consciência (individual e coletiva), é importante considerar fatores como a estrutura familiar de origem, o estrato e o contexto social, a cultura, o momento histórico, o momento pessoal, o gênero, etc.

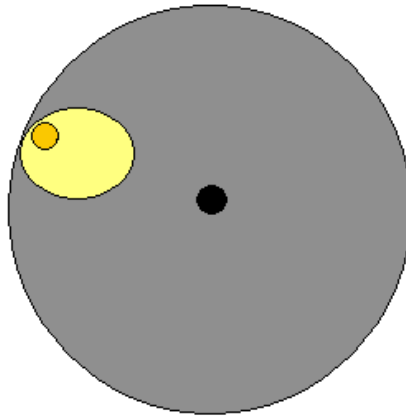
Integrar aspectos conscientes e inconscientes não é uma tarefa fácil; no entanto, Stein (2005) afirma que é a partir disso que podemos ampliar a nossa consciência e amadurecer enquanto indivíduos. Mesmo que o ego resista aos conteúdos inconscientes, mesmo não estando aberto a eles, estes acabam por vir à tona, por se expressar. São energias que precisam de vazão, potenciais (arquétipos) em busca de meios para se realizar.

Cabe aqui uma pequena imagem<sup>3</sup> que pode nos ajudar a entender as relações entre ego, consciente, inconsciente Self. Jaffé (1976) descreve a totalidade da psique da seguinte forma:

---

<sup>2</sup> Personagem do livro *O Retrato de Dorian Gray* do escritor irlandês Oscar Wilde, 1981

<sup>3</sup> O esquema a seguir foi inspirado em um esquema presente no livro *O Homem e Seus Símbolos*, 1976



- Ego/Eu<sup>4</sup> - centro da consciência
- Consciência
- Self
- Inconsciente

O inconsciente, por sua vez, se expressa através de sonhos (ou pesadelos), atos falhos, impulsos, idéias fixas, sintomas físicos, ligações amorosas, sincronicidades etc. Através do Self (potencial de formar o Eu), age para equilibrar o pólo mais intensificado pela consciência. Isso acontece porque o impulso natural do Eu (centro da consciência individual) é a unilateralidade, no sentido de se adaptar ao ambiente externo e realizar-se enquanto indivíduo, unidade vinculada diretamente ao mundo exterior. Altamente influenciado por todos os fatores citados acima (família, cultura, estrato social, momento histórico, etc) o Eu, na dinâmica patriarcal, tende a se afastar do que lhe é mais inconsciente.

Para representar o fluxo evolutivo e dialético, podemos utilizar a imagem de uma espiral que compreende, ao mesmo tempo, um movimento vertical, um movimento de expansão ou de focalização a partir de um centro e um movimento de variação entre um lado e outro, o qual, a cada volta, vai sendo retomado de um novo lugar de consciência.

---

<sup>4</sup> Na Psicologia Analítica os termos “Eu” e “ego” têm o mesmo significado. Durante o texto foi dada preferência ao primeiro, mas na presença do segundo, o mesmo sentido pode ser atribuído.

### Movimento espiral



(autor não identificado, 2008)

A Individuação pode ser dividida em duas metades, que acompanham o desenvolvimento físico do indivíduo. Jung (*apud* Stein, 2005) faz uma analogia entre o processo de Individuação e o trânsito solar: do nascer do sol ao meio dia, que inclui o nascimento, o crescimento e o amadurecimento, até seu ápice, quando o corpo está em seu potencial máximo. E, na segunda metade, com o início do envelhecimento físico, o pôr-do-sol. Em termos gerais, a primeira metade traz uma tendência de exteriorização e de adaptação do Eu ao meio, que constrói uma individualidade (uma forma de estar na sociedade). A segunda metade, por sua vez, traz, com um tom mais introspectivo, uma necessidade do Eu, de rever o seu posicionamento em relação ao coletivo no qual se insere e uma necessidade de se apropriar da sua potencia singular não mais a partir de referências externas, mas a partir de si mesmo.

A primeira metade da vida compreende a infância, a adolescência e o início da idade adulta. É a busca pelo estabelecimento de um lugar no mundo, e do vigor físico. No qual se aprende a manipular e lidar com o meio (social, físico, familiar, cultural etc.) a fim de se adaptar e sobreviver. É um momento de assimilar e depois superar as referências familiares rumo a conquista de um espaço próprio e genuíno.

No segundo momento, o Eu volta-se para aspectos que vão além da concretude do que foi experimentado e construído materialmente e mesmo do que se impõe através da cultura e da história. A partir de sucessivos auto-questionamentos, há o desenvolvimento de outras dimensões da consciência. Juntamente ao processo de envelhecimento - físico, mental, etc. - o Eu passa a buscar valores mais transcendentais. É a fase da integração da Sombra, do Animus e da Anima (arquétipos dos aspectos masculinos e femininos, presentes, com maior intensidade, o primeiro nas mulheres e o segundo nos homens).

Stein (2005) comenta que é possível “fracassar” e não “completar” o processo de Individuação, não desenvolver a consciência até o ponto em que ela seja capaz de integrar seus conteúdos inconscientes e alcançar uma totalidade harmoniosa. Isso acontece, porque na maioria das vezes, nos cristalizamos em um certo estágio, que representa um limite de desenvolvimento do Eu, naquele momento de vida. Esse limite pode ser determinado por diversos fatores, sejam externos ou da psique

individual. A primeira metade do processo de Individuação, quando alcançada, já representa, para muitos sujeitos, em si um grande triunfo, frente à desigualdade e às adversidades do contexto vivido.

*É possível fracassar na tarefa de individuação. Uma pessoa pode permanecer dividida, não-integrada, internamente múltipla, até chegar a uma idade avançada, e ainda assim ser tida na conta de alguém que viveu uma vida social e coletivamente bem sucedida, embora superficial. A profunda unidade interior num nível consciente é, de fato, uma proeza rara, embora seja apoiada, sem dúvida alguma, por um impulso muito forte. (Stein (2005, pg.157)*

Importante salientar que estas são tentativas de sistematizar algo que é muito vivo e dinâmico, pois não é necessariamente apenas a partir da segunda metade da vida que entramos em maior contato com o nosso inconsciente. Nossa consciência, através da ponte ego-Self, sempre está ligada à conteúdos inconscientes, interagindo com eles. Toda uma variedade de situações pode ser percebida de acordo com o contexto no qual os indivíduos se desenvolvem. Há ambientes que estimulam desde cedo um maior desenvolvimento interno, assim como há outros que pouco a estimulam.

Dois outros conceitos essenciais para entendermos o processo de individuação, são o de Arquétipo e o de Inconsciente Coletivo. Um arquétipo é, como define Stein, um “padrão potencial inato de imaginação, pensamento ou comportamento.” (2005, p. 205), se expressam através de símbolos coletivos presentes em toda a humanidade. Há o arquétipo da mãe, do pai, do filho, da mulher, do homem, do herói, do velho, do jovem, do bode expiatório, de Deus, e assim em diante. Eles se atualizam constantemente, de forma que algumas características dos arquétipos mudam com o desenvolvimento de seus papéis durante a história. Podemos tomar o arquétipo materno como exemplo da relação do Eu com um arquétipo. Quando uma mulher se torna mãe, ela entra em contato, através do Self, com o arquétipo que dá forma à sua experiência, do qual provêm padrões de ser, pensar, agir e imaginar que influenciarão e guiarão a sua maternidade. Diz-se que, assim, um arquétipo se constela, unindo um momento de vida particular e único a referências coletivas e históricas.

Cada arquétipo guarda em si o conjunto de potências e possibilidades humanas. Para ser considerado uma referência coletiva, esse arquétipo deve se manifestar em diversas culturas ao longo do tempo. Daí advêm seu aspecto universal, e sua forma dinâmica, algo que vem se desenvolvendo e se atualizando conforme o curso da humanidade.

Os arquétipos residem no inconsciente coletivo, ou seja, naquela dimensão que vai além das individualidades mas que, ao mesmo tempo, é definida pelo seu conjunto. O Inconsciente Coletivo, que é o conjunto de arquétipos e instintos de toda a humanidade de todos os tempos compõe junto com o Inconsciente Pessoal de cada indivíduo (sua Sombra, seu Animus ou sua Anima, seus traumas e complexos, etc.) o todo do Inconsciente (situado no esquema apresentado na pg. 11). (Stein, 2005)

## 2. O processo de desenvolvimento da consciência

*O Arquétipo Matriarcal, expresso pela polaridade; Ego-Outro na posição insular; o Arquétipo Patriarcal, na posição polarizada; o Arquétipo da Alteridade, na posição dialética; e o Arquétipo da Totalidade, na posição contemplativa. (Byington, 2006, pg. 11)*

A partir dos conceitos da Psicologia Analítica, expostos no capítulo anterior, vamos agora discutir o processo de ampliação da consciência, intimamente ligado ao processo de individuação. Este último focaliza a ampliação da consciência e a integração de aspectos inconscientes, ou seja, é no decorrer da Individuação que a consciência se desenvolve e que os aspectos inconscientes são integrados ao Eu.

Desde o nosso nascimento até a maturidade passamos de alguma forma, por certos conflitos e vivências que toda a humanidade já experimentou até o presente momento. Cada indivíduo traz em si um modo de atualização e continuidade deste processo histórico. Absorve e vive as questões da sua época, e a partir desta vivência individual contribui consciente ou inconscientemente para o desenvolvimento do processo coletivo.

A espécie humana<sup>5</sup> pode ser considerada como um todo, um conjunto que está trilhando um caminho. Por mais caótico e incoerente que pareça ser, esse caminho pode a um certo olhar, revelar um sentido e um ritmo próprio. Percebeu-se que padrões poderiam ser atribuídos a certos períodos da história da humanidade. Ciclos e etapas regidos por arquétipos, que se constelam no coletivo.

O arquétipo que tem grande influência sobre uma época não lhe é exclusivo, está disponível em todos os tempos no inconsciente coletivo, conforme a necessidade de um grupo ou de um indivíduo. Por exemplo, no Brasil, um país tão heterogêneo, temos a um mesmo tempo manifestações de arquétipos atribuído a diferentes ciclos como o Matriarcal, o Patriarcal, o de Alteridade e o Cósmico.

---

<sup>5</sup> Aqui nos restringiremos apenas à cultura Ocidental. Mesmo que as etapas fundamentais possam ser as mesmas, parece que o Oriente segue uma outra ordem, tamanha a distância entre uma cultura e outra.

No estudo sobre o desenvolvimento da consciência vamos estudar cada um destes ciclos e etapas a partir de dois autores: 1. o próprio Jung, através da sistematização de sua teoria em Stein (2005), que descreveu o desenvolvimento da consciência em cinco etapas, depois acrescidas de outras duas que publicou em texto separado e que Stein cita; 2. Byington, que em seu livro “Desenvolvimento da Personalidade” (1987) divide o mesmo processo de desenvolvimento da consciência em quatro ciclos arquetípicos: o ciclo Matriarcal, o Patriarcal, o de Alteridade e o Cosmológico.

Propomos trabalhar com as duas visões teóricas de forma complementar, dispondo as sete etapas de Jung sobre os quatro ciclos de Byington, sendo que algumas etapas se encaixam nos ciclos e outras representam justamente a transição de um ciclo para o outro. Da seguinte forma:

-CICLO MATRIARCAL, (etapa 1)

-(etapa 2)

-CICLO PATRIARCAL, (etapa 3)

-(etapa 4)

-CICLO DE ALTERIDADE, (etapa 5)

-(etapa 6)

-CICLO CÓSMICO, (etapa 7)

É através da consciência que percebemos o mundo ao nosso redor, é também nela que apoiamos nossos valores, nossas verdades e os critérios para as nossas escolhas. Daí a importância de compreender o seu processo de amadurecimento.

## 2.1 O ciclo Matriarcal

*Com o resgate do feminino ocorrido neste século, as teorias mais recentes falam da anterioridade do feminino em relação ao masculino. Admitem ser o masculino uma interferência na permanência do feminino. Deram-se conta que não há humanidade*



*sem a presença do cromossomo X e a presença do Y é que masculiniza o embrião.  
(Badinter, apud Penna, 2006, pg. 05)*

É importante, antes de prosseguirmos, deixar claro que estudar o período Matriarcal a partir de uma perspectiva Patriarcal é uma tarefa difícil, já que, como veremos adiante, um representa o pólo oposto do outro. Assim ao falarmos de um estaremos falando de coisas distantes e em muitos momentos contraditórias à realidade do outro. Como estamos em um momento histórico muito diferente daquele, tudo se resume a uma tentativa de apreensão do que representou este ciclo.

Discutimos que estes ciclos podem representar num plano coletivo as etapas do desenvolvimento de um indivíduo. Assim todas as pessoas, logo que nascem, apresentam uma consciência inicial com características matriarcais de funcionamento; onde as atitudes e percepções ainda são basicamente instintivas e inconscientes. Com o início da vida, se dá o início da consciência que representa um pequeno feixe de luz frente ao inconsciente no qual estávamos imersos<sup>6</sup>. Com o nascimento passamos gradativamente a criar consciência de mundo, do Outro e de nós mesmos, mas enquanto bebês, ainda somos muito pouco conscientes desses aspectos.

O dinamismo Matriarcal se caracteriza pela maior imersão da consciência no inconsciente. O indivíduo ainda pouco diferenciado, está ao sabor do acaso, sem uma previsão ou controle dos acontecimentos, a vivência é de preenchimento e profunda simbiose com o meio.. Isto, para uma consciência mais desenvolvida, pode representar uma vivência assustadora e ameaçadora do ponto de vista do Eu em formação.

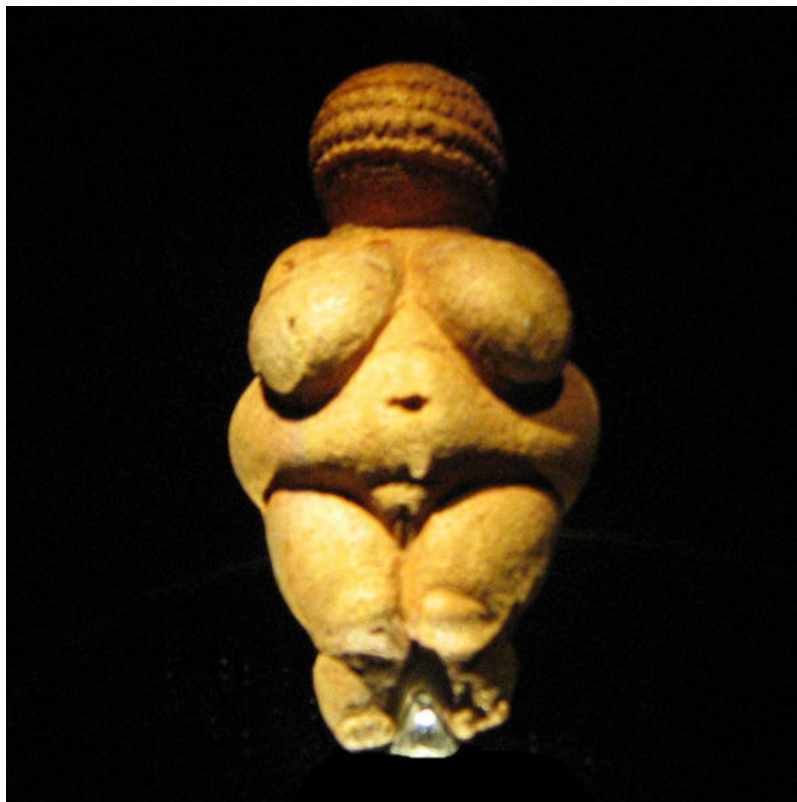
Este dinamismo é regido pelo princípio da fertilidade e do desejo, e se traduz por uma relação visceral e instintiva com o que se apresenta. Nas palavras de Byington (1987, pg. 51) são aspectos deste dinamismo:

*[...] chuva, sol, marés, luar, Animais, orvalho, fezes, suor, saliva, lágrimas, criatividade exuberante, morte, putrefação, renascimento, fervor, religiosidade, fantasias, esperteza, inveja, ciúmes, vaidade e ódio, vidência e magia.*

---

<sup>6</sup> Como na passagem bíblica do Gênesis 1:1-4.

“Grande Mãe”



(Venus of Willendorf, 2004)

Nas sociedades matriarcais era muito forte o culto ao prazer e à sensualidade. Seus grandes símbolos são: a procriação, o corpo, a sexualidade, a alimentação, a expressão artística e o transe. Sentidos (sabores, cores, odores, sons) e tudo o que estimulava o prazer. Eram fortes os cultos a uma Deusa, arquétipo da grande mãe, representação feminina da natureza e fonte da vida. A crença essencial era que dessa Deusa dependia a vida de todos. Por isso os rituais muitas vezes eram para agradá-la e acalmá-la.

No início, para o bebê, só existe a mãe. O corpo da mãe (o meio ambiente) é vivenciado como nosso, e tudo o que acontece de estranho no ambiente é vivido como uma grande ameaça ao seu organismo. Da mesma forma, no ciclo Matriarcal, tudo de hostil que a natureza possa apresentar ao organismo é vivido de forma íntima e irracional. Passaram-se muitos séculos até que o ser humano pudesse se diferenciar da natureza e através da ampliação da consciência (polarização), adaptar-se, proteger-se e poder manipular a relação com os fenômenos naturais, como as chuvas, o frio, a falta de alimento, a morte etc. Podemos ver nessa fase, a não-separação entre a vida e a sua fonte. O que não deixou de ser uma verdade nos dias de hoje, de que a nossa existência depende, no final das contas, da natureza.

Na **primeira etapa**<sup>7</sup> do desenvolvimento, a *participação mística* e a vivência de fusão com o meio eram muito fortes. ... “A natureza e o seu movimento, nesta vivência mística, está contida em tudo, nas pedras, nos corpos humanos, no vento, nas árvores e nos Animais” (Jung *apud* Whitmont, 1991, pg.63). Por isso este momento pré-verbal é chamado por Whitmont (1991) de fase mágica. Quando dizemos o nome de algo já o reconhecemos como parte separada, objeto sobre o qual podemos falar, nos questionar etc. Na consciência mágica, são mais perceptíveis as semelhanças entre o homem e natureza, não há ainda a concepção de indivíduo, há uma intensa ligação ao meio que nos originou.

---

<sup>7</sup> Sempre que for dito “etapas” estaremos nos referindo ao que foi pensado por Jung e apresentado por Stein (2005), assim como sempre que for dito “ciclos” estaremos nos referindo à divisão proposta por Byington (1987), do processo de desenvolvimento da consciência.

Um com a mãe



(Silva, Mauro, tela 100 X 150 2003)

Um bom exemplo da participação mística é apresentado por Whitmont (1991). Em seu livro, o autor conta sobre um naturalista, especialista no estudo das raposas, que certa vez observou um comportamento atípico de uma fêmea desta espécie: ela abandonou a toca com os seus filhotes e começou a cavar outra em uma colina, num ponto mais elevado, e deslocou cada uma de suas crias para lá, onde se estabeleceram. Passadas algumas horas uma tempestade estourou e uma enxurrada alagou o terreno da antiga toca. A questão é: como a raposa sabia que isso iria acontecer se no momento em que abandonou a toca o céu estava claro e limpo? Essa sintonia com o meio, abertura para o que ainda não aconteceu, possibilita este tipo de fenômeno de participação mística. Em outros tempos, e em outras culturas de orientação Matriarcal, mesmo naquelas que existem até hoje, esse tipo de fenômeno fez parte do sistema de compreensão da relação do homem com o seu meio ambiente. A prática do xamanismo, por exemplo, acredita que a doença é uma quebra do vínculo com o que nos dá origem e que é considerado divino, e a cura é vista como um processo de re-ligação com estes aspectos, ao doente.

Nesse período da humanidade, as ações eram guiadas pelo instinto de sobrevivência, se havia fome procurava-se comida, se havia prazer procurava-se mais, se havia frio buscava-se abrigo. Quando não se encontrava comida, morria-se de fome e não havia o que ser feito. A existência era “natural”, o tempo era cíclico: vida, morte, nascimento, vida, morte... E a morte era vista como um aspecto inerente à vida, não havia uma oposição entre os dois ou uma atribuição de valores, como hoje em que temos a morte como algo ruim e que deve ser evitado, e a vida como um bem a ser preservado. Igualmente não havia uma forma certa ou errada de agir, a ação era justificada pela sobrevivência. Responsabilidade social e individual são conceitos que não se aplicam a este dinamismo, pois não havia ainda a separação indivíduo-grupo, nem a noção de Eu. O tempo era um só: o tempo presente. Não havia o senso de planejamento ou a possibilidade de causar um acontecimento, de interferir no curso natural do ambiente, que era tido como algo poderoso e inexplicável.

Byington (2006) explica que neste ciclo, a consciência era formada por ilhas num mar de inconsciência. A presença desse meio, inconsciente, as mantinha ligadas (não cindidas) de alguma

forma, mas como eram permeadas pelo inconsciente não estabeleciam uma relação direta entre si. Eram percebidas como fenômenos isolados: ódio, depois amor, depois sono, depois fome, depois tristeza; como sensações, sentimentos, etc., independentes, dos quais o Eu tinha pouca consciência. Eles o atravessavam e ele não podia estabelecer uma relação causal entre eles e o que as ocasionava.

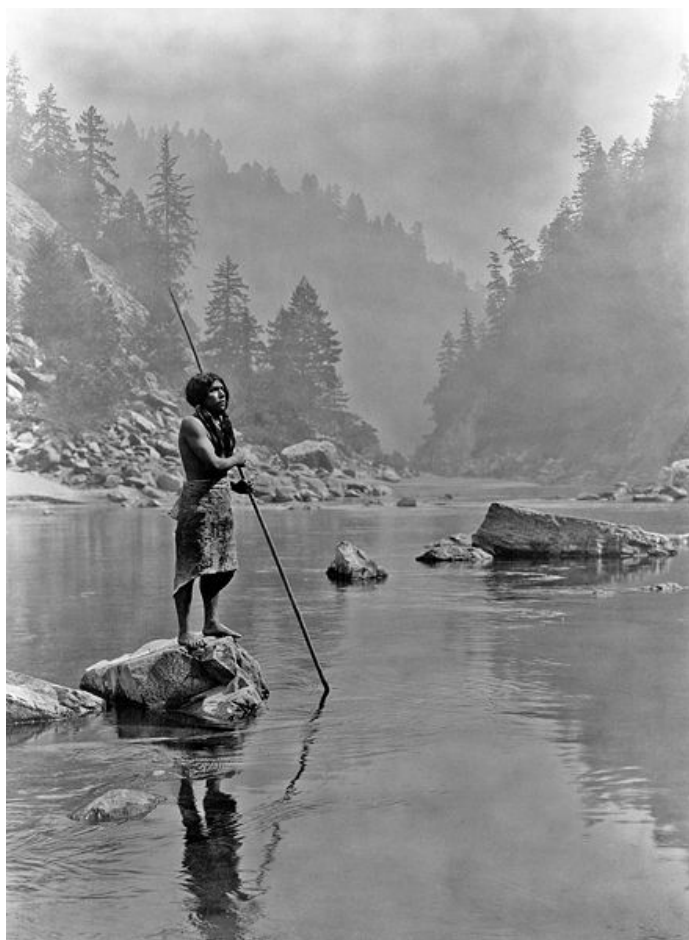
O tempo e o desenvolvimento de certas técnicas permitiram ao homem se proteger e estruturar a vida de modo mais estável com menor exposição e passividade aos fenômenos naturais. Iniciou-se uma separação destes fenômenos naturais em deuses diferentes (deus sol, deusa lua, deusa terra, deus mar) e do tempo, em dias, anos e estações. Com o tempo, a Deusa se multiplicou em diversos deuses e espíritos sagrados da natureza.

Depois da consciência mágica formou-se a consciência mitológica, na qual o homem começa a criar mitos e dar nomes aos fenômenos que observava. Um começo de diferenciação com o meio. Um exemplo é o próprio xamanismo que nomeava as forças da natureza e já a manipulava a seu favor, através de preparados com ervas etc.

As relações mitológicas, como podemos perceber na mitologia grega, são pouco lógicas. Características de uma consciência mais Matriarcal. Vamos observar à frente, que com o princípio de estruturação de uma individualidade a referência passa a ser um Deus único, uma crença monoteísta. Há a tendência a definir um centro de consciência e não mais ilhas dispersas.

Antes de iniciarmos no segundo ciclo podemos discutir um pouco sobre o que Jung nomeou a **segunda** e a **terceira etapas**. Que se encontram na transição para este e já dentro de suas características. Na experiência de fusão do Eu com o meio, a noção de indivíduo, do Outro como alguém diferente de nós é muito precária. No entanto, com a ampliação da consciência, aquilo que nos constitui e aquilo que vemos no ambiente vai se tornando mais focado e diferenciado. Na,

“Um com a natureza, (consciência em ilhas)”



(Curtis, Edward, A smoky day at the Sugar Bowl- Hupa, 1923)

relação mãe-bebê, sabe-se que na primeira etapa o bebê se identifica com a mãe, introjeta aspectos dela e do meio e depois os projeta<sup>8</sup>, nela e no meio. O que é interno e externo está, então, misturado. Mas com o tempo, as projeções se tornam cada vez mais localizadas, escolhe-se um e não outro objeto como foco, uma e não outra pessoa, um e não outro comportamento, identificando o gênero e assim em diante. As relações de identificação, introjeção e projeção continuam, mas se complexificam, no sentido de que se expandem além do mundo materno e ganham mais detalhes e interfaces com o amadurecimento do Eu. Migram dos pais aos professores, aos estudos, a áreas de atuação e assim por diante. As relações amorosas também serão definidas por projeções e o fato de nos apaixonarmos por um certo tipo de pessoa e não por outra representa uma especialização da nossa projeção, uma maior diferenciação entre o eu e o todo. A partir da superação da díade mãe-bebê a inserção do Eu no mundo se dá progressivamente.

As projeções são formas de intermediar a relação do Eu com o mundo e do Eu com os seus conteúdos inconscientes. No início da vida, a mãe tem também esta função de proteger o Eu do mundo, mas o que protege o Eu de seus próprios conteúdos hostis e estranho é o mecanismo da projeção. Por outro lado, quando projeta o Eu pode se relacionar com estes aspectos dissociados de si no Outro. Esta é uma forma intermediária de entrar em contato com eles e progressivamente os assimilar.

As projeções são conteúdos internos que se espelham no Outro. Podem ser aspectos desagradáveis que não queremos ver, mas que no Outro podem ser mais fáceis de tolerar, o ato de projetar acaba sendo uma forma compensatória que permite o encontro com estes aspectos. Por exemplo, quando nos apaixonamos por alguém em quem vemos essas características inconscientes. Mas as projeções podem ser também potencialidades nossas, que ainda não temos maturidade para desenvolver em nós mesmos. O que acontece no desenvolvimento, é que uma a uma as projeções vão se expressando e conforme convivemos com elas podem ser reconhecidas em nós mesmos, podem ser, aos poucos, apropriadas. Os cuidados maternos, a lei paterna, os aspectos sombrios são

---

<sup>8</sup> Projeção que, segundo Stein (2005, pg. 206) é “A exteriorização de conteúdos psíquicos inconscientes, ora para fins defensivos (como no caso da Sombra), ora para fins de desenvolvimento e integração (como no caso da Anima e do Animus)”



introjetados. Amadurece em nós uma mãe interna que possibilita cuidarmos de nós mesmos, um pai interno que possibilita respeitar e considerar essa ou aquela regra sem precisar de uma interferência interna, e por fim os aspectos que nos assustam, que quando reconhecidos como nossos nos dão a possibilidade de estabelecer uma relação, com o Outro e com o mundo, mais íntegra e transparente, menos embaralhada.

A etapa dois, referente às projeções mais focalizadas e ao fortalecimento do Eu, é a transição para a etapa três que aí se inicia e que depois se estende para o próximo ciclo, o ciclo Patriarcal. Com projeções mais abstratas e um grau de individualismo crescente.

## 2.2 O ciclo Patriarcal e o seu declínio

*“Bem, a mãe está aí mesmo. Você nasceu dela, ela o amamenta, lhe dá educação e acompanha o seu crescimento, até a idade em que você deve ir procurar o seu pai. Pois bem, encontrar o pai tem a ver com o encontro do seu próprio caráter e do seu próprio destino. Acredita-se que o caráter seja herdado do seu pai e o corpo, e muitas vezes a mente, da mãe. Mas o mistério reside no seu caráter, e o seu caráter é o seu destino. Portanto, a procura do pai simboliza a descoberta do seu destino.”*  
(Campbell, 1991, pg 176)

Começaram as “invasões”. Campbell (1991) conta que as culturas que tinham a deusa-mãe como divindade foram dominadas por pastores e homens nômades. À deusa foi reservado apenas o lugar da mãe e as mitologias de orientação masculina se tornaram referências. A característica imperialista, já no quarto milênio a.C., era a de subjugar os deuses alheios à sua cultura. Daí decorrem civilizações e civilizações seguidoras de deuses únicos e masculinos, sufocando e sincretizando deusas femininas, que perderam espaço e foram rebaixadas e humilhadas pela necessidade de dar poder ao Pai.

Mas, aponta Campbell (1991), as deusas não foram completamente banidas. Ao longo de história foram retomadas e mantiveram a sua força. Sabemos que na cultura indo-européia e nos séculos XII e XIII, por exemplo, foram fervorosamente adoradas nas Notre-Dame’s francesas.

Esse afastamento e diferenciação, nos deu espaço para olhar a nossa origem, o nosso corpo, de uma forma distante. A Deusa-mãe é a representação do corpo, ele e a natureza eram um só, e eram sagrados. Com a “desvalorização” deste sagrado, o corpo pode ser desmembrado sem culpa.

A visão cada vez mais fragmentada do meio e do corpo, de si, a distinção mente-corpo, indivíduo-meio, transformou a maneira de se entender o mundo e a vida. A diferenciação do Eu em relação à grande mãe, se deu em um longo processo. Cada uma das projeções foi sendo retirada, buscando-se alcançar uma visão pura e isolada de tudo. A percepção do ambiente e dos seus movimentos e formas, foi se tornando cada vez mais “eficaz” e detalhada, o que possibilitou a sua manipulação w domínio das forças da natureza, a partir de um *know-how* de seus fenômenos.

A busca pelo conhecimento representa a queda do Paraíso (completude Matriarcal). A atração pelo fruto proibido quebra a realidade unitária, e constitui um outro tipo de percepção da realidade. Introduce a dualidade e nos faz ter uma visão de um lado para o outro, e não mais de uma totalidade. Escolhas se tornam necessárias: ou um ou outro. Sair do ninho materno representa uma quebra irreparável, a vivência agora será sempre de uma incompletude. Esta falta move o Eu em busca de um complemento, que nunca alcança. Toda vez que rompemos com o já estabelecido e o questionamos, vivemos uma espécie de queda de um *status quo* que transgredimos em nome do impulso de conhecer. A separação sujeito-objeto e esta queda se dão a cada nova ampliação de consciência.

*A discriminação das polaridades dos símbolos pelo dinamismo Patriarcal é assimétrica e hierarquizante, e a maneira como ela é elaborada e estruturada é uma das grandes características do ciclo Patriarcal. O maior afastamento da polaridade consciente-inconsciente que permitirá à consciência a abstração necessária para a elaboração Patriarcal dos símbolos se dá através do arquétipo do pai, que delimita a discriminação, privilegiando sistematicamente um dos pólos das polaridades. Em algumas polaridades Eu-Outro, o Eu é assimetricamente favorecido. (Byington, 1987, pg. 62)*

Este movimento hierarquizante, é a busca Patriarcal, a busca pela organização, Whitimont (1991) chama esta fase de fase mental, que marca o início das grandes civilizações, da busca pela

normatização e definição de uma forma correta de se viver. Culturas com um anseio de organizar tudo a sua volta, civilizar o não civilizado, colonizar e explorar o mundo. O Eu ganha força, frente à natureza e muitos de seus comportamentos podem ser considerados rituais propiciadores de poder representados pelo acúmulo de força, de bens e de conhecimento. Esta sensação de poder compensa o Eu dissociado da sua natureza matriarcal.

*O esforço da discriminação Patriarcal, seja através da sublimação ou de qualquer outra função, dá ao poder, neste dinamismo, uma importância tão grande quanto tem a sensualidade no dinamismo Matriarcal. (Byington, 1987, pg 63).*

Primeiro um Deus foi criado, no lugar de uma Deusa. Este ditava as regras e orientava o Eu e seus impulsos. Quando a sexualidade e a agressividade pulsavam, rituais de expurgação e punição eram criados como forma de redirecionar a energia para outro fim. Saímos de um panteão de deuses horizontais para uma verticalização. Justamente para se proteger da sombra de seus instintos e impulsos o Eu busca projeções que possam ser definitivas, onipotentes como Deus, a Verdade, a Lei, a Moral, o amor eterno etc. Projeções que possam lhe servir de referências externas de como agir e se relacionar com os seus semelhantes.

Esta concepção de um Deus que criou tudo, representa uma visão exterior à natureza e ao planeta. Criou os seres vivos, mas não os é, não está presente em tudo de forma imanente, como antes era vista a relação da grande mãe.

Esta vontade de poder, alinhada inconscientemente à figura masculina foi amplamente difundida e almejada, o que antes era uma cultura que tinha a mulher com o seu centro, a grande Deusa, virou uma cultura de valores mais masculinos. As famílias foram organizadas em torno dos homens: símbolo do poder e da força. O dinamismo Matriarcal passa a residir na Sombra. E as mulheres, continente principal dos aspectos femininos, são inferiorizadas e deixadas à sombra do patriarca, bem como todo o feminino, que sabemos, está igualmente presente nos homens. Na concepção judaico-cristã, inúmeras vezes as mulheres são identificadas em ligação com o demônio, à tentação à desordem e ao prazer carnal, como a figura de Lilith, a mulher sombria original<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Ver o livro de Roberto Sicuteri, "Lilith: a lua negra", Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

“Família Patriarcal”



(Retrato em pintura de uma família, 1788, Museo del Prado)

Dentro desta radicalidade e do medo desta mulher sombria, as mulheres são "confinadas" aos domínios do lar, sua manutenção e das crianças e sua educação. As aspas colocadas na palavra *confinadas* referem-se ao fato de que não se tratou de uma revolta dos homens sobre as mulheres, embora tenha havido humilhação e violência contra as características do feminino. Também nas mulheres a consciência Patriarcal se desenvolveu. As próprias esposas, mães e jovens mulheres “negaram” algo que podia ser mais forte nelas do que nos homens, e os homens igualmente “negaram” um aspecto importante de si mesmos. Só que a elas não foi dado o espaço para se potencializar, sua natureza, menos racional, mais instintiva não cabia naquele momento. Não podiam estudar ou interferir na sociedade.

Esta projeção só se desfez muitos séculos mais tarde, quando as mulheres resolveram/conseguiram sair desse lugar subalterno e provaram para todos e para si mesmas que encerravam em si estas capacidades consideradas tipicamente masculinas como a racionalidade, a intelectualidade e atuação no mundo. A princípio ocorreu essa negação do feminino em detrimento dos aspectos masculino, uma tentativa da mulher de se igualar ao homem por competição. Com o rompimento e a superação da mulher, ao que era considerado restrito ao homem, ela pode se sentir mais segura e aos poucos se colocar num lugar diferente do homem. Primeiro “imitou o homem”, desenvolvei e recentemente, através de um movimento de resgate do feminino. A mulher pode restaurar a sua singularidade feminina. Daremos segmento a esta discussão no quarto capítulo.

O símbolo do falo, como algo vertical, impositivo, equivale à espada, que divide e que quando empunhada está disposta a tudo para fazer valer a sua verdade, o seu grupo, o seu espaço, as suas posses. Outra imagem é a de um raio de sol cravado na terra, que mostra a instauração da luminosidade celeste sobre o terreno. O ser humano explorou e mapeou o planeta, chegou à lua e explorou o espaço, criou a internet, os celulares e um conhecimento tão refinado e poderoso como a física quântica. Mas neste encanto acabou se inflando e perdendo de vista as suas raízes. Voou com as asas da racionalidade, mas esqueceu-se de sua materialidade e de sua finitude. De que ainda era parte de algo que o transcendia, um ecossistema.

“O homem ( aqui representado pelo deus Mercúrio) e o seu falo”



(sem autor, entre 89 a.C e 79 d.C, Museu Arqueológico Nacional (Nápoles), Itália)

Por isso esta luminosidade se alternou com momentos negros da história, sintomas do desequilíbrio e um patriarcalismo exacerbado: a peste que dizimou a Europa; as guerras e os conflitos étnicos; a escravidão; a revolução industrial que gerou uma desigualdade extrema a partir de uma visão do homem como um objeto de uso para o trabalho.

O trecho de Bauman é um bom exemplo para a fragmentação e deteriorização do sentido da vida através da racional formatação das coisas.

*Seguir a rotina sem alma do chão da fábrica, sem ser observado pelo companheiro ou vizinho, mas apenas pelo desconfiado capataz, obedecer aos movimentos ditados pela máquina sem chance de admirar o produto do próprio, e muito menos de apreciar sua qualidade, tornavam o esforço 'fútil'; e um esforço 'fútil' era o que o instinto do trabalho bem-feito levava os humanos a detestarem todo o tempo. E esse tão humano desgostar da futilidade e da falta de sentido é que era em realidade o alvo da acusação de preguiça formulada contra os homens, mulheres e crianças, afastados de seu ambiente comum e sujeitos a um ritmo que não determinavam nem ao menos compreendiam. (Bauman 2003: 32)*

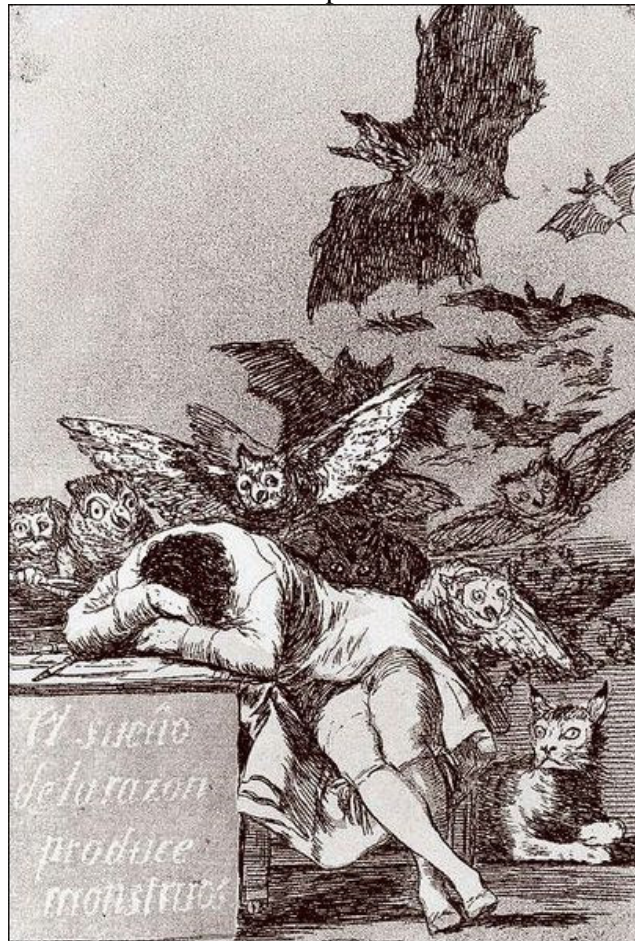
Este é o início de uma transição para algo novo, uma vez que a realidade passa a ser algo ameaçador à vida a potência<sup>10</sup> humana. Não há mais, neste dinamismo, rituais espontâneos em resposta à intensidade do viver livre na natureza, são rituais que consagram as regras. E quando estas se quebram, geram um grande constrangimento coletivo, que precisa ser logo reparado, geralmente pela expulsão da parte errante, do grupo unificado pelos mesmos valores. Estamos falando da contenção dos impulsos agressivos, sexuais, mais primitivos e intensos.

Esses impulsos contidos ressurgem, a partir do mecanismo de compensação, causando incômodo e constrangimento, no século XX quando Freud começa a explorar, a partir das mulheres histéricas, a sexualidade e a agressividade reprimidas e que se apresentavam em forma de sintomas. A constatação, de que estes impulsos são naturais a qualquer ser humano, desde a sua infância e a denúncia, da sua repressão, através da psicanálise causou indignação e ofensa, mas, mais tarde, liberou

---

<sup>10</sup> Potência como algo diferente de poder. Como potencial e não como algo instituído.

“O sonho da razão produz monstros.”



(Le songe de la raison, Goya 1798, Museu do Prado)



uma nova potencia do Eu, dando-lhe meios para expressar e integrar sua a sexualidade e a agressividade latentes. Por isso as sessões de psicoterapia muitas vezes se constituem em confessionários onde o que se expõe não é julgado, mas acolhido, justamente para dar vazão a estes aspectos que na cultura patriarcal reprimimos com naturalidade. Assim o Eu não precisa mais lutar contra aspectos inerentes a si mesmo. Embate que gera sofrimento e tensão psíquicos.

Com esta descoberta, de novo nos vemos frágeis e desamparados, não com medo do mundo, mas agora de nós mesmos. O que indica que a mudança está mais ligada a uma postura e comportamento do homem do que a uma interferência no ambiente. É o início da segunda metade da vida onde o homem trabalha a sua individualidade e os aspectos cindidos de si mesmo.

O dinamismo Patriarcal tem uma importância inegável na estruturação e formação da consciência, e da individualidade. Durante seu ciclo a consciência tem um grande desenvolvimento e aprimoramento que possibilitou a diferenciação e caracterização das coisas, a noção de que “eu não sou igual ao outro”, que “temos necessidades distintas e mesmo juntos somos únicos e, portanto sós em muitos aspectos”. No período Matriarcal reinava o sentimento de pertinência ao grupo, ao meio. No patriarcado há, no entanto, um constante estranhamento ao grupo e ao ambiente.

Entre este e o próximo ciclo localizaremos a **quarta etapa** de Jung. Nesta o autor descreve uma extinção das projeções, e da confusão entre o Eu e o meio. Nas relações, há a consciência do que é meu e do que é do outro, em termos de sentimentos, complexos, medos etc. Com a racionalização e a busca pela verdade e pela diferenciação, chegamos ao ponto de separação máximo, onde as projeções, que ligavam também, de certa forma, o Eu ao meio, se extinguem. Nesta etapa a relação com o objeto e com o sujeito é apenas utilitária e pragmática, os objetos e seres vivos perdem seu significados inerentes, a vida perde seu valor inerente. Reina o excesso de informação, assim como o vazio de conteúdos. As relações pessoais e a visão de mundo são frias. Como escreve Stein (2005. pg. 163):

*O indivíduo contenta-se com breves momentos de prazer e com satisfações de desejos controláveis. Ou entra em depressão! Os deuses já não habitam nos céus e os demônios estão convertidos em sintomas psicológicos e desequilíbrios químicos*

*cerebrais.*

Tudo o que antes era projetado se concentra no ego que fica desta forma, inflado. Jung (apud Stein, 2005) descreve esta etapa como o centro vazio e a busca pelo sentido. Uma busca por algo não mais inerente, mas por um sentido que vai além da manutenção da vida. Para que afinal existimos?, torna-se uma questão comum.

Aquele Deus eleito, referência à qual todos se subjugavam e perante o qual éramos um, teve a sua vez de ser questionado. O Eu, “encantado” com a sua potência enquanto espécie e enquanto indivíduo não podia mais se contentar com a imagem de um Deus supremo, onipotente. O que resultou em egos inflados e egoístas e em uma desigualdade (ou diferenciação) entre os indivíduos nunca antes vista. Tudo aquilo que foi projetado na figura de Deus foi introjetado. Quebramos um dos últimos elos que nos ligava ao Outro (todos são iguais perante Deus), tornamo-nos livres das convenções externas. Matamos o Pai.

O ego inflado se torna a autoridade máxima e a fonte das significações. A percepção é de que não há limites. O que impede uma pessoa de se tomar um sociopata, um louco, um vândalo, um egoísta ou um ser equilibrado e íntegro é muito sutil e depende de escolhas pessoais.

No entanto, o que parece instituir uma grande liberdade conferindo grande poder ao Eu, se torna um grande desafio: constituir-se sem referências claras e assumir sozinho a responsabilidade por todas as suas escolhas, são enormes as exigências colocadas sobre o Eu, que se vê como o único responsável pelo seu destino. Nas etapas dois e três os limites estão muito mais estabelecidos e há uma sensação, ilusória ou não, de segurança e pertencimento a partir das convenções e organizações.

Para ilustrar esta crença na onipotência do Eu, podemos tomar o filme do diretor americano Woody Allen. Recentemente lançado, “O Sonho de Cassandra” (título em português, Wody Allen, 2008) conta a história de dois irmãos que topam, por dinheiro, matar o inimigo de um tio rico. Os dois estavam endividados e passavam por momentos cruciais de suas vidas, portanto esta era uma oportunidade única. Com muita dificuldade, pois um dos irmãos resistia, eles executam o homem. No entanto, a recompensa não lhes cai tão bem como imaginavam. O irmão que não estava totalmente de

acordo começa a sofrer ataques de pânico e resolve se entregar à polícia em busca de paz na sua consciência. O segundo irmão, conta o fato ao tio e os dois decidem que a “única” saída seria matar este irmão vacilante. Porém quando tudo estava planejado, ele, o irmão que iria matar o outro, volta atrás, se vê incapaz de matar seu próprio irmão. Os dois acabam se envolvendo em uma briga na qual um deles morre e o outro se mata.

Este filme é um bom exemplo da transição do dinamismo Patriarcal para o de Alteridade, no qual o Eu passa a se perguntar: não há mesmo limites? Estou mesmo separado do meio? Podemos tirar desta história um exemplo da impossibilidade da onipotência humana, dos limites que a psique realmente contém. Matar um Outro, não é um ato sem afeto, sem efeito, mesmo que seja uma escolha consciente, lógica e que tenha um sentido útil naquele momento - se eu fizer a coisa tecnicamente bem feita, e ninguém me descobrir, ganho dinheiro e resolvo a minha vida, por que não? Nesta relativização a existência perde o seu valor intrínseco.

Na tentativa de chegar ao conhecimento máximo, o ser humano alcançou um esvaziamento de sentido e uma incontrolável relativização das coisas. Uma busca que focalizou a imparcialidade agora se mostra mais parcial do que nunca. E agora, o que nos resta além de nós mesmos? E quem somos nós mesmos?

### 2.3 O ciclo de Alteridade

*No filme, “Into the Wild”, dirigido por Sean Penn, (2007), um jovem insatisfeito e decepcionado com a sua família resolve abandonar a tudo e a todos e ir morar um tempo sozinho no Alasca. No caminho ele encontra pessoas com as quais se identifica e estabelece um vínculo significativo, mas mesmo assim prossegue. Depois de um tempo sozinho, acaba se envenenando por acidente, e, no seu diário, sabendo da iminência da morte ele escreve: A felicidade só vale a pena quando compartilhada. .*

No contexto em que iniciamos a transição para o ciclo de Alteridade, a humanidade está frustrada com a promessa de que a consciência abarcaria toda a realidade, de que através da produção científica alcançaríamos o controle da natureza. No século XXI vivemos uma crise existencial, um momento em que nossas crenças comuns e nossos hábitos cotidianos perderam muito do seu sentido e o

que está por vir ainda é muito incerto. Na verdade as perspectivas para o porvir não têm sido nada boas, e freqüentemente carregam um tom de juízo final.

Frente à crise ambiental, social que chamam o Eu a um posicionamento, ao olhar para si não encontra segurança que o ampare deste caos externo. É o momento em que percebe o quanto tem aspectos frágeis e não trabalhados. Este realmente é um momento muito intenso e delicado do desenvolvimento do Eu. Neste olhar para dentro ele pode perceber o quanto está ligado ao Outro, ao que é estranho a si. Pode reconhecer que quando está melhor consigo, pode estar melhor no mundo. O Eu frustrado se vê sem resposta e por isso se abre para este Outro, num pedido de ajuda, de complementação.

Jung descreve que, em uma **quinta etapa** do desenvolvimento da consciência, o ego passa a se conscientizar de seus limites e entra cada vez mais em contato com o inconsciente e os poderes e influências deste sobre si. A aproximação sadia entre os pólos consciente e inconsciente é possível através de símbolos unificadores que transcendem as polaridades. Penna (2003) explica que a palavra símbolo, *simbolo* em latim, é um elemento representativo de algo invisível, algo que une aspectos inconscientes a outros conscientes. Já seu antônimo, o diabólico, *diabolos* em latim, representa a cisão entre dois elementos.

Dois fortes símbolos deste ciclo são a criatividade e a transcendência. O dinamismo da Alteridade é caracterizado pela ligação mais profunda com o inconsciente, os conteúdos antes dissociados (Sombra), são percebidos e integrados com maior facilidade, de forma ativa e criativa. O ato de criar une justamente algo pessoal a um contexto mais amplo, e abre uma fresta para o novo (inconsciente) que ultrapassa o estado inicial, anterior à criação. É uma fase de grande abundância, do casamento e não da exclusão entre os opostos. É um ciclo que lança pontes para o inconsciente através dos arquétipos do Animus e da Anima<sup>11</sup>, que o regem. O encontro com a nossa *Anima* ou nosso *Animus* é um símbolo fundamental do que representa esta união entre os pólos consciente e inconsciente. A

---

<sup>11</sup> Aspectos arquetípicos do eterno masculino e feminino (respectivamente) que residem no inconsciente das mulheres e homens (respectivamente). Estabelecem uma ponte entre a consciência do ego e o inconsciente coletivo.

“Feminino - Masculino”



(Silva, Mauro, s/d, Itália)

Alteridade é tida como o “apogeu da criatividade artística, científica, religiosa e poética do ser humano” (Byington 1987 pg. 68). Um momento fértil (Matriarcal), mas dentro de causalidades estabelecidas (Patriarcal).

Para ilustrar esta mudança na consciência podemos tomar como exemplo a cisão homem-natureza ou homem e meio ambiente, que hoje desembocou em um enorme desequilíbrio ecológico. Marçolla (2002) afirma que mesmo as ciências ditas humanas, que possivelmente contrabalançariam as ciências exatas e naturais, acabaram legitimando esta cisão. A partir de uma visão antropocêntrica, desconsideram o meio natural, esquecendo-se do fato de que tanto ele, o ser humano, quanto a sua sociedade, provêm dele.

Para Moscovici, (apud Marçolla 2002) a “sociedade seria vista, de um ponto de vista evolutivo, como uma superação da condição natural.(...) uma modalidade de esquecimento da natureza.” (p.327) Neste caso tratamos da ciência em detrimento do meio natural. Como diz Penna (2003) a ciência não é a fonte da verdade, o conhecimento não é obtido através de apenas um das muitas potencialidades de relação do homem com o meio, a razão, mas todo conhecimento é arquetípico “ sendo criações da mente, as concepções de ciência estão sujeitas aos determinantes arquetípicos presentes em cada momento histórico.” (Penna, 2006, pg. 04)

Por isso nenhuma ciência ou nova invenção, por si só, seria/será capaz de remediar a questão ambiental. Como diz Pinheiro (1997) esta questão não consiste apenas em uma crise ambiental, mas sim em uma crise das pessoas nos ambientes. Não se trata apenas um equívoco religioso, moral ou científico, de um problema na educação ou na política. Mas é algo que nos remete à desintegração entre o patriarcalismo vigente e os aspectos matriarcais inconscientes: a compaixão, a empatia com o Outro e o meio. Vivemos a tensão entre o sagrado e o imanente do Matriarcal, e a diferenciação e o cartesianismo do Patriarcal, então é como se, com a Alteridade, o mundo ganhasse outra dimensão, um terceiro, na qual fosse possível a coexistência de todos estes aspectos.

O ciclo da Alteridade segundo Byington (1987) é aquele em que na busca do seu desenvolvimento individual e egocêntrico, o Eu esbarra no Outro, vê que não há caminho isolado. Uma mistura de “o inferno são os outros” de Sartre com um início de olhar e compreender o outro, como um igual-diferente.

Há, neste ciclo, uma diferença referente ao ciclo Patriarcal onde a relação Eu-Outro é tensionada por diretrizes como sucesso x fracasso, competição, hierarquia e intolerância. Na Alteridade se a parte fracassada está centrada em uma pessoa, mas seu aspecto inconsciente é o do sucesso, este aspecto é visto no outro que representa o sucesso idealizado. Sem relativizar esta divisão, a pessoa “bem sucedida” não será capaz de lidar com seus aspectos mal sucedidos, contrapontos para um ego inflado, e o mesmo vale para a pessoa “fracassada” e os seus aspectos potentes e de sucesso. No ciclo da Alteridade, ocorre a busca por uma inteireza, daí a importância da interação com o outro, da troca, da integração dos aspectos inconscientes projetados no outro e, desta forma, o Eu pode se ver inteiro.

*A consciência de Alteridade caminha para a realização ao mesmo tempo do potencial de desenvolvimento da relação Eu-Outro e, por isso, no ciclo da alteridade a inter-relação do desenvolvimento individual e coletivo é obrigatoriamente complementar e inseparável. (Byington, 1987, pg. 74)*

O que foi exposto até aqui traz elementos de uma realidade observada, histórica, e elementos de um possível futuro, uma tendência. Sabemos que exemplos de Alteridade representam uma minoria no funcionamento da nossa sociedade atual<sup>12</sup>, francamente em crise, com índices altos de desigualdade, violência e doenças da alma (psíquicas). Não nos propomos aqui a fechar os olhos para tal realidade. E mesmo o fato de teorizarmos a respeito não resolve a vivência e a construção de uma resposta, mas nos ajuda a ver saídas possíveis. Ver saídas igualmente não suprime o desafio de trilharmos o caminho em direção a elas.

A **sexta etapa** de Jung descreve o alcance de uma relação ecológica entre a psique e o mundo. A sincronicidade (quando um evento ocorre internamente e externamente, por exemplo, em um

---

<sup>12</sup> Alguns exemplos e associações em relação à Alteridade serão expostos nos próximos capítulos.

indivíduo e no coletivo) representa e realiza justamente esta integração (eu-mundo) que se torna mais consciente.

No ciclo Patriarcal ocorreu uma valorização da intimidade, dos valores intimistas, exclusivos, individualistas. Na Alteridade pode se estabelecer uma abertura para entender que este íntimo não é tão íntimo assim, que o único é filho de um contexto e de algo maior, arquetípico. Poder exercitar este olhar de fora sobre si, como “mais um” ser humano, nos dá a chance do trabalho objetivo sobre nós mesmos. Este movimento fortalece imensamente o eixo ego-Self e começa a superar esta última dicotomia Eu- inconsciente.

*Mas ainda predomina a não-diferenciação entre o ego e o mundo interno de modo que pode se impor a noção equivocada (baseada na inflação de ego) de que seria o sujeito que projeta suas qualidades no interior provocando os acontecimentos. Derivam daí duas polaridades: a crença no determinismo externo ou no determinismo interno. Esta falsa dicotomia só é superada quando a consciência egóica finalmente deixa de se identificar com o mundo interno percebendo a realidade objetiva deste último e sua própria relatividade [...].(Penna, 2006, pg 8)*

#### 2.4 O ciclo cósmico e o Uroboros

Na **sétima** e última **etapa** se concretiza o que é proposto como objetivo da Kundalini: a reintegração do Eu no inconsciente (cosmos). A Kundalini representa um conhecimento milenar da cultura hindu. É o nome de um arco de energia, uma serpente simbólica que se estende da região dos genitais até além do topo da cabeça. Este percurso abarca os sete chacras<sup>13</sup> em uma evolução ascendente que vai de uma energia primitiva, impulsiva e vital para algo sutil, consciente e transcendente. E só passando por todas as etapas (são igualmente em número de sete as etapas de Jung e os chacras) que podemos alcançar a transcendência máxima.

---

<sup>13</sup> Os chacras são vórtices ou dínamos de energia psíquica que de certo modo se ancoram em certos órgãos corporais.



Ao final da segunda metade do processo de individuação se inicia uma espécie de desencarnação do Eu. Seu corpo está cada vez mais deteriorado e seu espírito, ainda vivo tende a se ligar, cada vez ,mais a elementos que o transcendem.

No ciclo cósmico, o Eu integrado com o Outro pode se responsabilizar por si e pelo coletivo, ser um indivíduo e um ser que encerra em si algo maior. Há uma união, como no Uroboros, o símbolo de unidade que antecedeu o ciclo matriarcal, só que desta vez é uma integração alcançada de forma consciente.

Vamos então falar um pouco do Uroboros não mencionado até então. Antes da existência, havia um todo indiferenciado, uma escuridão total. Até que se fez luz, este foi o início de tudo. O primeiro feixe de consciência, sinal de vida.

No ciclo cósmico entramos em uma esfera muito afastada da consciência patriarcal, causal, por isso seus conteúdos soam como algo pouco objetivo, pouco realista. É algo no que podemos apenas acreditar, pois difere muito do modo de consciência vigente. Portanto não vamos nos demorar neste ciclo, mas nos primeiros três que estão mais próximos da nossa consciente.

Aqui a existência chega a sua etapa final e o eu atinge um estado de unidade com o inconsciente. Volta ao estado do Uroboros, mas pela ampliação da consciência e não pela sua ausência. Consciente e inconsciente se integram.

Em diversas culturas e tradições ao longo da história temos exemplos de homens e mulheres que descrevem experiências de iluminação. Como, por exemplo, Lao Tse, Buda, Cristo, Yogananda, etc.

### 3. Alteridade

*(Alteridade, é) [...] o plano das forças e das relações, onde se dá o inelutável encontro dos seres, encontro no qual cada um afeta e é afetado, o que tem por efeito uma instabilização da forma que constitui cada um destes seres, produzindo transformações irreversíveis. Em outras palavras, a existência inelutável do plano da alteridade define a natureza do ser como heterogenética. (Rolnik, 1992, pg. 1)*

Na sua exposição do processo de desenvolvimento da consciência, Byington (1987) nomeia um dos ciclos como *Alteridade*. Vamos aprofundar um pouco mais o estudo desse ciclo, focalizando melhor a transição do ciclo Patriarcal para o de Alteridade, e analisando as questões que surgem neste momento de crise. Este capítulo pretende também ampliar a visão do conceito de alteridade para além da Psicologia Analítica.

Quando falamos do ciclo matriarcal, nos referimos a aspectos arquetípicos mais distantes, e que agora retornam de outra forma, em um novo contexto; quando o tema é a dinâmica Patriarcal, está em foco um passado mais familiar. E assuntos como a negligência dos aspectos sutis, sensíveis e humanos, vêm sendo cada vez mais discutidos e colocados, como contraponto à materialidade, à idealização e à fragmentação, dominantes no ciclo patriarcal. São fatores difíceis de serem digeridos, por representarem a contestação daquilo que chamamos de cultura, daquilo com o que nos identificamos “naturalmente”; eles igualmente apontam para situações que estão, há um certo tempo, colapsando.

No entanto, ao falar de alteridade sobre o que estamos falando? Seu significado e o alcance podem ser esclarecidos, como veremos ao longo do capítulo, por alguns autores e pesquisas que nos servirão de referência. A dinâmica da alteridade não nos é estranha. O tema da alteridade está cada dia mais presente em nosso mundo. Tanto nas ciências quanto na vida cotidiana, nas nossas relações, na mídia (até mesmo nas novelas), nas reflexões de autores de artigos e livros contemporâneos e nas discussões éticas. E uma postura de tolerância, aceitação e cooperação com o Outro é cada vez mais necessária e esperada. De fato, vivemos um momento em que tudo isso já é falado, mas ainda é algo de que não nos apropriamos, e por isso não dizemos que a nossa cultura é de alteridade, mas de desigualdade.

Podemos pensar em crise como uma tempestade, algo que passa, transforma e deixa as coisas

diferentes do que eram antes, sem possibilidade de retornar às formas antigas, aquelas que existiam antes de o vento passar. Podemos nos lembrar de frases populares como: “um furacão passou pela minha vida”, para expressar um momento de caos e grandes mudanças, que exigiram reações e adaptações rápidas do Eu. Que deixaram marcas e aprendizados profundos.

Pensando na psique como um ecossistema em constante movimento de equilíbrio interno, podemos ver a crise como o momento em que, em meio a uma situação de ordem e acomodação, surge o caos que chacoalha tudo; momento a partir do qual, as nossas antigas certezas se mostram reduções de algo maior. Com a crise começa o movimento de passagem de um estado familiar para um novo que ainda não se instituiu, de abertura para o inconsciente.

Quando este furacão chega e estremece o chão sobre o qual pisamos, nos sentimos vulneráveis, impotentes e às vezes sem perspectivas. É algo estranho e inesperado que se apresenta, para o qual não temos uma reação pronta. A crise evoca algo que está por vir, uma possibilidade futura que só existia antes em estado de potência. Neste ponto todos os recursos pessoais, inclusive a capacidade de tolerância à angústia, são postos à prova, de tal modo que o ego se sente ameaçado. Uma crise pode desencadear uma desordem maior do que as capacidades psíquicas atuais conseguem suportar, e se a pessoa não possuir um suporte interno e/ou externo suficiente, então a psique pode recuar ou colapsar<sup>14</sup>.

Mas, de um modo geral, a crise é vista como um momento de amadurecimento, que permite o re-equilíbrio do eixo Eu-Self e sua atualização em novos parâmetros.

Sem o movimento de desconstrução e construção as coisas não mudam, não é possível abandonar o antigo conforto - familiar e cristalizado- em busca de algo novo. O estado de angústia e insegurança frente ao futuro é sempre difícil de tolerar. Para nos desacomodar, ocorrem compensações inconscientes na forma de fortes sinais, situações e conflitos, que tendem a nos acordar e evocar para uma transformação. No colapso da dinâmica Patriarcal coletiva, presenciamos diversas situações alarmantes, decorrentes do modo de vida instituído: a crise demográfica, a crise

---

<sup>14</sup> Colapsar no sentido de enlouquecer, não agüentar o encontro vertiginoso com uma totalidade desconhecida. Não é à toa que a consciência se aproxima aos poucos dessa escuridão infinita e densa que é o inconsciente. O Eu naturalmente se protege, ao ir entrando em contato com a parcela suportável daquilo que ele não sabe, que lhe é infinitamente maior e que revela uma radical incompletude em si

ambiental, a crise social, a crise nos relacionamentos familiares, o aumento geral dos níveis de stress e de sintomas depressivos, etc.

A palavra “alteridade”, contém o prefixo *alter*, que no latim significa *outro*. E o radical composto *alteridade*, evoca qualidade humana de se colocar no lugar do outro, com consideração, valorização, identificação e atitude de diálogo. Na relação de alteridade, estão sempre presentes a complementaridade e a interdependência no modo de pensar, de sentir e de agir. Nessa relação o nicho ecológico de cada um é preservado, as experiências particulares são reconhecidas e respeitadas, sem que haja sobreposição, assimilação ou agressão.

A psicanálise fala do estágio do espelho, de como o Eu se constitui a partir do Outro e de como em diversas fases da vida o Eu e Outro se confundem em projeções mútuas, como ocorre na transferência e contratransferência (Lacan, 1988). A mãe, ou o cuidador potencial de uma criança, é a sua referência de como se comportar e ser, ou futuramente de como não ser. Entender esta interdependência entre o Eu e o Outro é fundamental para perceber como algo que posteriormente (no ciclo patriarcal) foi percebido como separado, se constituiu inicialmente a partir de uma relação.

Segundo Byington (1987, pg. 101) o desenvolvimento da alteridade possui três componentes básicos: a igualdade, a liberdade e a totalidade. O autor explica:

*Igualdade não no sentido de tudo ser a mesma coisa, mas de haver oportunidades iguais para a expressividade do Eu e do Outro com suas diferenças preservadas. Liberdade sem a qual é impossível a plena expressividade do Eu e do Outro na sua interação dialética. Totalidade porque essa busca de expressividade e encontro pleno impulsiona o Eu e o Outro permanentemente a uma realidade que os transcende e abrange.*

Quanto à liberdade, apesar da enorme riqueza e diversidade de chances que nos proporciona, sabemos que ela pressupõe uma responsabilidade. A igualdade por sua vez, deve-se observar, pressupõe sacrifícios no sentido de tolerar as diferenças e abrir mão de convicções e necessidades pessoais, para dar espaço ao Outro compor igualmente

“Estágio do Espelho”



(“Quieres?”, Cecília Larrea, 2008)

seu espaço na relação. E a totalidade que nos deixa inseguros por revelar a incerteza e a impermanência de toda a realidade dita objetiva sobre a qual nos costumamos nos basear.

No ciclo patriarcal o Eu começou a se tomar por algo objetivo e através desta assunção de objetividade construiu um reino de verdades e certezas que o tornaram (ilusoriamente) seguro de si e das coisas a sua volta. No entanto, com o aparecimento das crises coletivas acima mencionadas, o castelo das verdades seguras está ruindo e as certezas se desfazem em dúvidas, de tal maneira que nos vemos perdidos. Alguns tentam a todo custo manter o *status quo*, enquanto outros abrem-se corajosamente a constatação de *saber que nada se sabe*, como Sócrates (470-399 a. C.). Estes últimos se abrem para a incerteza do encontro com o Todo que é o mistério em si.

Emmanuel Levinas, um dos mais importantes autores que refletiram sobre o assunto da alteridade, descreveu (apud Alencar et Freire, 2006) algo como uma ética da alteridade, um exercício ético na relação Eu-Outro, buscando sempre garantir e preservar o lugar do outro na sua diferença. No entanto, Levinas foi considerado radical, uma vez que chegou a hierarquizar o Outro como mais importante do que o Eu, impedindo que uma relação igual se estabelecesse, algo que Freire (2002) denomina de face-a-face. Poderíamos reconhecer no exagero de Levinas um movimento de compensação psíquica? Colocar o Outro em evidência, projetar nele algo superior como forma de enfatizá-lo para depois integrar este lugar do Outro em si, alcançando a relação de Alteridade.

Como escrevem os autores (Alencar et Freire, 2006, pg. 312):

*A ética da alteridade radical [de Levinas] empreende um destronamento do eu em função do outro, ou seja, propõe um rompimento com a lógica identitária que utiliza, como estratégia de proteção e estabilidade do eu, a transformação do outro no mesmo.*

No encontro com o Outro com o diferente há uma variedade de reações possíveis. Freire (2002) aponta que, muitas vezes, a primeira reação ao outro se constitui numa tentativa de torná-lo semelhante, anulando a diferença e se protege da possibilidade de ser afetado por este. Podemos fazer isso nos identificando, através da projeção de aspectos nossos, ou nos apropriando, como no processo da colonização dos povos indígenas, por exemplo. Outra forma de encontro seria a projeção (Dorsch, apud Alencar et Freire, 2006): colocar algo nosso no outro e nos relacionarmos com o nosso no Outro

e não com ele na sua estranheza. Essas atitudes têm como fim manter intactas a segurança e o familiar que o estrangeiro é capaz de desfazer, pois a diferença se configura aqui como uma ameaça. Polarizamos, excluímos, marginalizamos, internamos em manicômios aquilo que não toleramos e não podemos tolerar. O Outro vira uma infecção, algo contagioso, que pode nos impregnar e danificar, no sentido de transformar e trazer à tona o desconhecido em nós mesmos.

Quando o Eu está estruturado e fortalecido, pode tolerar o intenso encontro com o Outro, sem ter medo de se desfazer completamente. As extremidades e algumas partes são afetadas, mas há um centro que se sustenta. Podemos definir o Eu como aquilo que permanece quando há encontros decisivos. Só assim o Eu pode olhar para o Outro não como ameaça, mas como complementar, igual-diferente. As referências que antes eram externas e vulneráveis ao que vinha de fora, que precisavam adequar-se aos moldes padronizados para não destoar na paisagem, tomam-se referências internas que sobrevivem ao transitarmos em diferentes culturas, grupos, idéias, estéticas, etc. E constituem este fortalecimento do Eu que pode a partir deste centro se abrir ao Outro de forma diferenciada.

Em seu artigo, Alencar et Freire (2006) escrevem sobre as formas de apropriação do que é diferente e novo, ponderando que é impossível não se apropriar de características e aspectos do Outro em uma relação íntima. Mas que, no entanto, isso não significa necessariamente tomar posse dele. Uma coisa é tomar posse, por exemplo, da natureza, outra é se integrar a ela, até por uma questão de sobrevivência. Aqui não há uma preservação ou relação simbiótica, há uma relação de afetação mútua e complementaridade.

A busca do ego, como vimos antes, tende à formação de uma unidade. Mas é nesta tentativa de absorver toda a realidade através de uma só versão que fica eliminada a possibilidade autônoma do Outro, na sua estranheza total.

*O pano de fundo da filosofia ocidental é a filosofia da “totalidade”<sup>15</sup>. Esse seria o primeiro e grande obstáculo a ser superado para que se possa falar verdadeiramente em “alteridade” (Guareschi, apud Alencar et Freire, 2006, pg. 325).*

---

<sup>15</sup> Não como o cosmos, o Todo que inspira uma visão contemplativa, mas como o sistema, numa visão fechada e homogênea.

Podemos aqui entrar numa discussão sobre a vivência da totalidade. Existe a totalidade no sentido de algo ideal, completo, único e incontestável, e a totalidade no sentido do conjunto orgânico e inteiro que pode se completar a partir de um Outro, com o qual chega a formar uma nova totalidade que os transcende. A primeira visão de totalidade é uma busca por algo estático e absoluto, a segunda é a busca por uma cooperação, uma ligação dinâmica. Quando elegemos uma verdade incondicional encontramos uma visão homogênea da vida, a partir daquela afirmação total. Diferente de uma incompletude que, quando percebida, se abre para o novo e pode ser complementada.

Alencar et Freire (2006) seguem levantando uma terceira forma de relação que é a relação afetiva. Aquilo que no Outro nos afeta, além do que nos familiarizamos ou projetamos, aquilo que nos atravessa e toca. Segundo Paul Ricoeur (apud Alencar et Freire, 2006) existe uma identidade narrativa que “é reelaborada e reproduzida a cada relato que o sujeito faz de si e de seu entorno, remetendo-o à sua história de vida e à história do entorno ao qual pertence” (Alencar et Freire, pg 319). Esta faz parte de um processo chamado de *ipseidade*: um si-mesmo relacional e, portanto, marcado pela abertura característica de um ser afetado pelo mundo, em contraste com um ser que se fixa na identidade do mesmo. Este termo, *ipseidade*, surge a partir do filósofo francês Jean-Paul Sartre:

*Com efeito, a característica da ipseidade é que o homem se acha sempre separado do que é por toda espessura do ser que ele não é. O homem se anuncia a si do outro lado do mundo, e volta a se interiorizar a partir do horizonte: o homem é um ‘ser das lonjuras’. (Sartre, 1943, pg. 59)*

Podemos relacionar a dinâmica exposta por Sartre com a dinâmica da projeção e introjeção de conteúdos inconscientes. A possibilidade do ser de olhar o que é estranho a si (conteúdos que projeta) como seu. Anunciar a si de longe e depois introjetar (interiorizar) o que vê a partir deste horizonte (distanciamento). A possibilidade de se ver também com um Outro distante de si. Ser composto por que reconhece como seu (si-mesmo) e pelo que parece alheio a si (Outro, conteúdos inconscientes que projeta na paisagem externa). Como propõe o elemento narrativo da identidade, que a torna, segundo Ricoeur, instável, mutável, indefinida, diversa e ética. Freire et Alencar concluem (2006, pg. 322.): “uma ética da alteridade significa acolher o outro lado a lado, face a face, sem necessitar transformá-lo no mesmo, ou seja, aceitá-lo na sua diferença e afetar-se com ela.”



Esta afetação só existe em conjunto com o choque do contato com o diferente. Só me afeta o que é diferente, se não há diferença não há afeto. Ser afetado resulta em uma conexão e uma responsabilidade para com o Outro. Freire cita Espinosa (apud Alencar et Freire, 2006) que define os afetos como propulsores dos potenciais de ação. Só a partir do incômodo surge o desejo de mudança, mas agora não do outro, no sentido de adaptá-lo a mim, e sim no sentido de um terceiro, uma nova situação, ou seja, a mudança de uma situação e não do Outro. Não falamos de adaptar o Eu ao outro, nem o outro ao Eu, mas de uma relação ética, onde um não anula ou possui o outro, estes coexistem em situações relacionais dinâmicas.

Retomando: este Outro que primeiro era indissociável e referência de existência (no estágio do espelho, no ciclo Matriacal), se torna insuportável, “feio porque não é espelho” (Caetano Veloso, 1978), no ciclo Patriarcal. Até que em uma crise de individualidade (transição para o ciclo de Alteridade), que leva à citada sensação de incompletude, este se faz indispensável, novamente reconhecido pela forma como nos afeta e compõe. O ser só é um em relação a um coletivo (retomada do valor do Outro na composição do Eu, e, por tanto, reconhecimento deste como parte de si - ciclo de Alteridade)

A questão ética relacionada à Alteridade tem um enorme sentido. Pois o que excluímos, o que não cuidamos, nos assombra, e o que vemos, o que nos sensibiliza, nos solicita. Na ética das relações somos convidados a zelar constantemente pelos vínculos, a questioná-los, repará-los, compará-los, esclarecê-los, e assim em diante, diariamente, e até mesmo a quebrá-los, se necessário. Este é justamente o exercício da ética: olhar, sentir, pensar, procurar outros pontos de vista, e com todos compor um espaço, um espaço de discussão para este modo de ser e de se relacionar.

## 4. Reflexões sobre Feminilidade, Ecologia e Criatividade

Após focalizar, no capítulo anterior, algumas implicações do conceito de Alteridade, vamos agora acrescentar exemplos e reflexões relacionadas a ele a ao retorno dos aspectos matriarcais que caracterizam este ciclo, agregando noções da Psicologia Analítica complementares à compreensão do arquétipo de Alteridade e sua expressão.

Este é um ciclo sobre o qual temos poucas referências, apenas algumas experiências, manifestações e projeções podem ser observadas. Isso porque, quando falamos de Alteridade lidamos com uma potência humana que ainda está se concretizando. Assim sendo, parece interessante fazer um capítulo que discuta estranhamentos e constatações que podemos fazer a este respeito.

### 4.1 Alienação e diversidade.

Jung (apud Stein, 2005) situa o vazio e o desconhecido como uma das características da quarta etapa do desenvolvimento da consciência. Nesse contexto, há quem enfrente as incertezas confiando na presença obscura de um significado no que está acontecendo e assumindo uma relação de integridade com essa esperança, e há quem se apegue ao *status quo*, em nome de uma “segurança” ou de uma “fuga” diante dos conflitos provocados pela já citada crise da passagem do ciclo Patriarcal para o da Alteridade. Baumann (2003, pg. 68) evoca uma atitude semelhante observada em nossos dias: “É um manifesto a favor da reconciliação: as novas realidades não são enfrentadas nem contestadas, há uma rendição a elas [...]”

Há algumas décadas, um dos principais problemas da nossa cultura ocidental era o moralismo, a intolerância à diversidade. No entanto o que vemos hoje, com o neoliberalismo capitalista, é a exploração dos diversos nichos culturais, como campos diferentes de consumo. Quanto mais, melhor! Mais diverso, mais disperso! Isso representaria uma cultura de maior Alteridade? Ou, como discutimos no capítulo anterior, uma cultura que “colonizou” o que era diferente, apropriando-se do que era singular e genuíno, e mostrando que a mera presença da diversidade não garante uma relação ética com o Outro, um reconhecimento dele na sua “outridade”?

“Neoliberalismo capitalista.”



(Zona Oeste da cidade de São Paulo, <http://www.fotosedm.hpg.ig.com.br/>, 2008)

Podemos ver, assim, que uma diversidade e uma aceitação inicial ao espaço de expressão de cada um não carrega intrinsecamente a disposição para se deixar afetar e se ver ligado efetivamente a este Outro. A postura que vigora atualmente, espelha algo mais parecido com um: “cada um com seus problemas” ou “cada um por si”. Podemos, também, relacionar esta dificuldade de vivenciar encontros pessoais e significativos, com a fragilidade das relações amorosas ou familiares que vêm perdendo sua qualidade de intimidade e compromisso, sua capacidade de aprofundamento e companheirismo.

Um conceito que já foi citado e que pode agora ser aprofundado é o de integridade. Segundo o dicionário Larousse (1999) Integridade vem do latim *integritas* e denota algo completo, correto, a qualidade de se manter inteiro, no sentido de não negligenciar o que se apresenta, ser honesto com a realidade percebida. Vimos que esta é a grande dificuldade que se apresenta no processo de individuação: manter-se inteiro, aceitar os conflitos com o que não é compatível, sem se esquivar deles ou os distorcer. A Alteridade pressupõe uma relação inteira, íntegra. Em um momento de desconstrução e dúvida, como o da crise que estamos estudando, ter inteireza se configura como uma verdadeira superação de si. No entanto o que temos observado é uma amenização das tensões, conduzindo a uma alienação do Eu. Evitando a integridade, o Eu se vê envolvido num processo de desenraizamento em relação a suas origens e aos meios que o constituem. E para suprir a lacuna gerada por todas essas cisões - o vazio – arma-se, entre outros dos inúmeros recursos fragmentadores do neoliberalismo, uma grande, extensa e apelativa indústria do entretenimento.

Por outro lado, a flexibilidade que acompanha a amenização das tensões abre espaço para uma diversidade expressiva, para uma revalorização do que antes era considerado inferior. A democracia representativa (que não exige uma implicação e responsabilização diretas) traz um lado de alienação, mas também um movimento de inclusão pelo respeito à diversidade de opiniões e crenças. Um espaço para diferentes realidades e culturas. Uma brecha para o estrangeiro, mesmo que depois este seja engolido pelo modo de consciência dominante.

As mudanças, portanto, são processuais e só podem acontecer dentro de um contexto que vai se acomodando passo a passo, com avanços e retrocessos, aos novos fatores. O que não significa que elas não estão aos poucos se cumprindo.

#### 4.2 Alteridade, um movimento.

Segundo Byington (2008) temos no mito cristão ocidental e na história de Buda dois fortes exemplos da união dos opostos pela compaixão. Esta união representa a Alteridade.

A transição de um a outro ciclo da consciência também pode ser pensada como o movimento dialético do símbolo taoísta do Yin e do Yang. Dentro de um pólo nascem e crescem aspectos do outro, os quais se tornarão dominantes no seu espaço, ao lado do primeiro, e por sua vez terão desenvolvidos dentro de si características do pólo oposto, e assim por diante. Isso nos diz que em pleno ciclo Patriarcal podemos rastrear manifestações de Alteridade, mesmo que este ciclo ainda não tenha se consolidado.

Foi principalmente a partir da década de 1960 que se expandiu, em todo o Ocidente, um movimento de liberação das escolhas pessoais e respeito às diferenças.<sup>16</sup> Que tinha como principais idéias a valorização das organizações comunitárias, da irmandade, do respeito com a mãe-natureza e de uma paz dos homens entre si e com o planeta.

Em um primeiro momento, o movimento se deu como uma reação contra a sociedade mais rígida e tradicional da época. Grupos libertários, como os hippies, desconstruíram o que se conhecia por relações amorosas, sexuais, e também o que se conhecia por família e por trabalho, avançando para discutir noções cristalizadas em todas as áreas. Uma “nova era” foi anunciada. Na época este movimento se configurou como uma opção radical, mas com o tempo adotou uma postura mais

---

<sup>16</sup> Esse movimento veio, de certo modo, dar continuidade a grandes ondas culturais de libertação e inovação que se propagaram desde o Renascimento, o Iluminismo e o Romantismo

flexível se reintegraram à sociedade que haviam negado. Mas, por outro lado, algumas idéias e vivências se mantiveram. Muitas mudanças decorreram dessa época, gerando tendências e expondo novos paradigmas, os quais vieram a influenciar boa parte da produção científico-literária no campo da Psicologia e das Ciências Humanas.

Tudo isso carregou consigo uma grande ampliação da consciência. Embora as idéias, correntes na década de 1970, de abandonar as cidades, de completar uma mudança para a vida em comunidades rurais – o que beirava um retorno completo ao ciclo Matriarcal - não tenham se concretizado, a verdade é que tudo isso revirou, remexeu e desacomodou a antiga consciência positivista e conservadora. Todo um conjunto de comportamentos que não se sustentavam mais e ocultavam hipocrisias pôde ser apontado e saiu da sombra, sendo chamado à consciência.

Também, nessa mesma época, ganharam força e espaço os movimentos ecológicos, de restabelecimento do laço dos seres humanos com o planeta Terra. A teoria Gaia de James Lovelock e Lynn Margulis, por exemplo, foi apresentada em 1969. Esta teoria defende que o planeta é um organismo vivo, um ecossistema do qual o ser humano é mais um fator e não um corpo à parte.

Como reflexo deste movimento temos o exemplo de um curso, de alcance mundial, chamado “*Gaia Education*” . Ele foi criado exatamente com o propósito de desenvolver no homem uma visão mais holística e sustentável do mundo. O curso trabalha quatro aspectos essenciais da relação homem-planeta Terra: 1. o social (“*Beyond You and Me*”, com o propósito de se pensar formas de construir comunidades sustentáveis); 2. o ecológico (“*Designing Ecological Habitats*”, que desenvolve um senso de respeito pelo espaço que ocupamos, e de como melhor habitá-lo); 3. o da visão de mundo (“*The Song of the Earth*”, que discute a síntese emergente entre a visão científica e a visão espiritual) e 4. o econômico (“*Gaian Economics*”, sobre como viver bem com todas as pessoas, dentro dos limites do planeta). Estas quatro chaves e todo o curso foram idealizados e são ministrados por um grupo chamado “*GEESE - Global Ecovillage Educators for a Sustainable Earth*”, educadores de ecovilas de todo o mundo por uma Terra sustentável.

“Integração dos aspectos masculinos e femininos.”



Universo, Terra, Mulher, Homem.

(El abrazo de amor del universo, la tierra (México), Diego, yo y el señor Xólotl, Frida Kahlo, 1949)

Tomamos esta proposta como um exemplo entre milhares de iniciativas que vêm ocorrendo em diversas culturas e diferentes localizações geográficas, com maior intensidade a partir da década de 1960, as quais já conseguem por em prática uma forma de existência diferente da Patriarcal e mais próxima da Alteridade. Elas têm diversos pontos de partida e diversos objetivos, mas demonstram todas a relevância da ecologia e da valorização de novas formas de relação mais cooperativa e menos competitiva e individualista.

Na chave social (Gaia Education, 2008), por exemplo, é discutido o estabelecimento das sociedades como lugares onde as potencialidades individuais são cada vez mais explícitas e crescentes, e como, na verdade, o desenvolvimento individual só pode continuar dentro do ambiente coletivo. Podemos relacionar este apontamento com o desenvolvimento da consciência. Para a consciência Patriarcal o coletivo é visto como um empecilho ao crescimento e aprimoramento pessoal, mas no ápice da primeira metade da vida o Eu se potencializa, e a partir da segunda metade há um retorno, o indivíduo se questiona como um ser coletivo, que faz parte da humanidade (apud Stein, 2005). Na Alteridade “O Eu caminha para atingir seu potencial pleno de relacionamento com o Outro e também da sua própria individualidade.” (Byington, 1991, p. 70)

#### 4.3 O retorno da Deusa

*Os mitos da Grande Deusa ensinam a ter compaixão por todas as criaturas. Assim você chega a avaliar a verdadeira santidade da própria terra, que é o corpo da Deusa. (Campbell, 1992, p. 175.)*

O retorno dos aspectos matriarcais, como contraponto aos aspectos patriarcais exacerbados, pode acontecer de diversas formas. Aqui propomos três:

- retomada do Matriarcal de modo regredido, negando o Patriarcal;
- retomada do Matriarcal em complementação e equilíbrio ao Patriarcal;
- tentativa de estagnar nos aspectos patriarcais e contornar os acontecimentos, negando o Matriarcal.



Como vimos, o que é negado pela consciência passa a residir na sombra. Desta forma os aspectos matriarcais podem retornar como algo esperado, desejado ou então de uma forma sombria. O indivíduo pode escolher suportar o conflito e confrontar-se positivamente com o Matriarcal em complementação ao Patriarcal, experiência nova e misteriosa, que guia para uma forma de ver e existir desconhecida, diferente da que estamos acostumados. Ou então pode escolher entre voltar à casa da mãe - em busca de um paraíso ingênuo (regressão) - e permanecer no patriarcal - em busca da impossível estabilidade cristalizada (negação) - mas nesses dois casos a escolha entre um e outro leva a uma repolarização Matriarcal x Patriarcal, sem espaço para uma saída dialética onde os dois dinamismos possam chegar juntos a uma nova forma de relação entre si.

O feminino e Matriarcal, em uma de suas facetas, se mostra como algo terrível, imoral, como na imagem de uma bruxa ligada às forças ocultas. A mulher sedutora, sombria, traz outro lado do feminino, diferente do maternal, cuidadoso, aplicado. E a doce Eva, inicialmente tida como a esposa perfeita, mostra esta faceta: quando tentada pela serpente, impele Adão a comer do fruto proibido e transgredir as leis divinas. A queda do paraíso representa a abertura para uma nova consciência. Podemos pensar na serpente como um movimento compensatório do inconsciente. O simbolismo da serpente a descreve como um animal celeste e terreno, como a ponte entre os dois, ligação entre o sagrado e o profano. E Eva, como símbolo de um feminino essencialmente ligado ao mundo terreno e profano, pode fazer a ponte entre a serpente e o homem (Adão).

O retorno de aspectos matriarcais se deu de muitos modos na história do Ocidente Patriarcal. As mulheres no século XX começaram a lutar por uma participação e um lugar igual ao ocupado pelo homem na sociedade, mas para isso se masculinizaram. O que pode por um lado representar um equilíbrio à sua feminilidade, mas também uma identificação com o masculino como sendo mais poderoso do que o feminino, negando então a sua natureza.

Igualar-se aos homens em termos de trabalho, potencial de realização, comando e intelectualidade, não garantiu à mulher um espaço próprio e autêntico na sociedade. Seu potencial reside na diferença que ela representa frente ao Patriarcal. Muitas mulheres traíram a sua natureza e

“O pecado original”



(Adão e Eva, Lucas Cranach, Würzburg, Mainfränkisches Museum, 1513/15)

se tornaram “fálicas”, “frias” e “duronas”. Paralelamente, os índices de infertilidade feminina cresceram. As mulheres “secaram” sua natureza úmida, sombria e misteriosa. O fato é que, como discutimos na apresentação das características do ciclo Patriarcal ( no segundo capítulo), as mulheres também temiam essa faceta obscura do feminino. E o desenvolvimento de sua consciência, integrando novos aspectos de sua totalidade, foi um processo de restauração destes mesmos aspectos como qualidade e potenciais positivos do feminino e não mais elementos essencialmente diabólicos e malignos.

Em uma relação de Alteridade cada natureza se preserva, sem precisar competir ou se igualar com a outra, e ambas convivem na sua complementaridade.

O revalorização dos aspectos femininos, para além do lugar da mãe e da dona do lar, trouxe por consequência o aumento da presença das qualidades femininas na sociedade. São associados à feminilidade: um maior cuidado com a natureza (ecologia), uma maior compaixão para com o Outro (solidariedade), e uma relação de cooperação e não de competição com o Outro (diálogo). Também é feminina uma forma de ver o mundo através de circularidade e pelas relações mais sensíveis e intuitivas, pois mesmo na singularidade do seu organismo a mulher é marcada pelo ciclo menstrual e pela capacidade de nutrir e gerar a vida. Portanto na mulher a vida e a sua fonte não estão cindidas, e a própria mulher faz esta ponte entre existir e gerar existência, provocando uma visão mais unificada das coisas, das pessoas, etc.

#### 4.4 Criatividade

*Fazer emergir outros mundos diferentes daqueles de pura informação abstrata; engendrar Universos de referência e Territórios existenciais, onde a singularidade e a finitude sejam levadas em conta pela lógica multivalente das ecologias mentais e pelo princípio de Eros de grupo da ecologia social e afrontar o face-a-face vertiginoso com o Cosmos para submetê-lo a uma vida possível... (Guattari, 1999, p. 54)*

Byington (1987) aponta a Alteridade como um território onde a união entre a razão (aspecto

masculino) e a potência fértil (aspectos feminino) gera uma explosão de criatividade e sincronicidade. A razão no solo fértil germina. A consciência causal e linear acolhida no encontro com a finalidade e a circularidade gera sintonia entre o que acontece dentro e fora de nós. A cisão entre esses pólos começa a se desfazer.

A produção artística sempre esteve presente na história, com diferentes graus de restrição ou liberdade. O que vemos hoje é uma liberdade quase infinita, uma diversidade caótica e uma quantidade de trocas nunca antes vistas. Obras que beiram o inexplicável, obras concretas, abstratas, clássicas, *non sense*. Todos os tipos de expressão parecem ter um lugar. Festivais de todas as tendências em todas as artes, sejam tradicionais ou de movimentos alternativos, mostrando combinações variadas e improváveis.

Há também um forte retorno das profissões sensoriais e artesanais, tidas como inferiores pela burguesia industrial dos séculos XVIII, XIX e XX, ou por algumas elites em outras culturas. Os trabalhos manuais chegaram a ser considerados rudes e pobres, requerendo baixa capacidade intelectual, e por isso foram, em geral, reservados aos escravos e às classes sociais menos abastadas. Mesmo na mentalidade dominante até pouco tempo, as profissões liberais mais cotadas eram medicina, direito, e engenharia, sendo o que todo pai tradicional sonhava para seu filho. Agora, a gastronomia, o artesanato, a moda e o design, antes marginalizados, estão em alta. As experiências estéticas, sensoriais e uma abertura para elementos dionisiacos (festas, drogas, rituais de expressão dos instintos básicos) voltaram com toda força e em novas formas.

A transgressão ao Patriarcal abre brechas, alimenta inovações e possibilita novos campos de criatividade, transcendendo o *status quo*. A criatividade representa esta transgressão, porque rompe com o estático e implementa um novo dinamismo, sendo-lhe mais simples englobar os dois pólos e fazer com que da tensão entre eles surja um terceiro símbolo, a obra.

Um dos aspectos mais interessantes do potencial criativo é a sincronicidade<sup>17</sup>. Este é um termo que Jung (apud Stein, 2005) emprestou da física, a partir de estudos que fez em parceria com Wolfgang Pauli (1952). Em termos gerais, sincronia é quando um mesmo evento se dá em dois lugares distintos, ao mesmo tempo. Na teoria da Psicologia Analítica temos por sincronicidade um evento que se dá no mundo externo e correspondentemente na psique (espaço interno). Uma vez que consciente e inconsciente são parte de uma totalidade, e quando são legitimados nesta posição, a sincronicidade tende a ocorrer com maior frequência.

No caso do ciclo da Alteridade, como consciente e inconsciente tendem a estabelecer uma relação mais integrada, orgânica e menos reativa, as sincronias passam a acontecer com maior frequência. O Eu está mais disponível para perceber o Outro e perceber a relação e interdependência entre os fenômenos. Assim o que acontece no Eu e no coletivo se torna mais sintônico.

---

<sup>17</sup> Relacionada à potencialidade criativa do ciclo de Alteridade.

## 5. Alteridade como sustentação de uma saúde mental

*Mas, com muita frequência, particularmente em épocas de transição, quando as questões mais profundas começam a se revolver, [o] relacionamento [entre consciente e inconsciente] emerge em conflitos e sabotagem mútua. Disso pode resultar a psicopatologia. (Whitmont, 1991, pg. 58)*

Ainda mais um paralelo entre o arquétipo de Alteridade e os dias de hoje pode ser feito a partir da sua manifestação no desenvolvimento da concepção e do manejo da saúde mental.

Para começar, podemos pensar no conceito de saúde (de um modo geral, para além da saúde mental) e de doença ao longo do desenvolvimento da consciência. Na visão unitária (Matriarcal) as duas são vistas como componentes de um todo indiferenciado. Aos poucos uma qualidade é atribuída a cada uma (ciclo Patriarcal) e a doença é tida como algo temível e a saúde como um ideal a ser alcançado. A saúde é vista como a ausência de doença, como um estado em que o Eu sente que seu corpo é estável, os órgãos funcionando regularmente, com funções normais, etc. Mas, em uma perspectiva de maior Alteridade, uma se coloca como complementar à outra, sem doença não há saúde e vice-versa. A relação entre os dois pólos é vista como dialética e processual, um ciclo de desenvolvimento em que saúde e doença se alternam.

Na concepção polarizada a saúde é vista como igual à imortalidade, uma pessoa saudável não morreria. Enquanto no processo da existência real a mudança de funcionamento do corpo, a formação e a deterioração são naturais à vida e à saúde.

A doença aqui pode ser interpretada como a expressão, ou a consequência do contato com o Outro, que nos afeta e infecciona (como vimos em Alencar et Freire). E o seu tratamento como potencial para elaboração e integração deste Outro em nós. Mas o que observamos, talvez por um excesso de individualismo ou de medo deste estrangeiro, é um anestesiamiento dos sintomas deste Outro no nosso corpo<sup>18</sup>, através do uso excessivo de antibióticos, por exemplo. Este camuflar dos sintomas, expressões do choque do organismo Eu com um Outro, acaba enfraquecendo o potencial de resposta ao Outro e de superação deste estado doente. Como diz Ramos (2006), as doenças são formas de restabelecer um equilíbrio e expressar um desequilíbrio.

---

<sup>18</sup> Outro como sintomas de um desequilíbrio consciente-inconsciente ou como desequilíbrio do corpo e da mente na sua relação com o meio ambiente e as pessoas que o cercam

No que se refere à saúde mental, é possível identificar, também na sua história, a influência das visões unitária, polarizada ou binária e a dialética e processual. Como a partir do limite de consciência de cada uma, ao falar de loucura, falamos de algo relativo que se determina pelo contexto de onde parte o olhar.<sup>19</sup> Em certas épocas o que chamamos de loucura era um sinal de iluminação. Muitos reis e sábios que hoje seriam considerados loucos, em seu tempo foram adorados. A partir de uma visão patriarcal esses personagens, os loucos, foram separados de seu contexto vital e estudados como algo distinto, enquanto na visão dialética, no ciclo de alteridade, eles não são nem adorados, nem excluídos e agora podem ganhar um lugar próprio.

A visão mais atual da loucura tende a identificá-la, de modo geral, com um estado de fragmentação e de intenso sofrimento psíquico. O que a ocasiona, ou do que ela resulta, depende de muitas variáveis do contexto histórico, familiar, social, das características da psique do indivíduo, etc. No entanto, o que queremos aqui trazer é a contribuição do contexto histórico não só para a visão da loucura, mas como para uma tendência à ela. Outra definição da loucura, como vemos está emparelhada com a visão dela. O que chamamos de loucura pode representar apenas um momento do processo de crescimento individual, uma crise, por exemplo; um momento que destoa de um padrão médio e reconhecido da consciência vigente.

Padrões culturais, sociais e familiares rígido, podem se tornar enlouquecedores quando arrastam o ego a um grau de desestruturação e desequilíbrio insuportável. Uma sociedade fragmentada e polarizada tende a cindir as pessoas em si mesmas, ameaçando a sua integridade psíquica. Ao passo que uma sociedade mais flexível parece dar mais espaço ao movimento dialético necessário ao equilíbrio dinâmico da vida psíquica. É bem difícil, para o indivíduo em crescimento, desenvolver um ego forte e independente num meio muito rígido e hostil se à sua natureza destoa dos padrões vigentes. Porque, como vimos, é essencialmente a partir das referências externas, que o Eu inicialmente se forma.

Há muitos elementos envolvidos no processo da loucura, não se pretende aqui estabelecer uma relação causal do meio com o equilíbrio psíquico. Mas é importante apontar como, em dados

---

<sup>19</sup> A obra “História da Loucura” de Michel Foucault (1993), mostra bem as mudanças de perspectiva ocorridas na Europa central entre a Idade Média e o Renascimento, e depois entre o Renascimento e a idade moderna

momentos, as condições fragmentárias e ao mesmo tempo inflexíveis da sociedade Patriarcal, por exemplo, constituíram-se em fator determinante de patologização de aspectos inerentes à psique. A loucura, tratando-se de um processo delicado e complexo, se complica quando é somada de um modo de tratamento desumano e que anula o espaço de expressão desta subjetividade como forma de existência genuína e com sentido próprio, para além de todo sofrimento que o indivíduo naturalmente já atravessa, pelas características próprias da loucura.

No arquétipo Patriarcal rege a necessidade de ordenar os fenômenos dinâmicos da natureza humana, por exemplo; a partir de uma ordem estática e homogênea. No entanto, ao estabelecer um isolamento do *louco*, tomado como um objeto, para poder observá-lo fora de seu contexto, sem as interferências que lhe seriam naturais, obstruímos e desconhecemos a ordem própria do indivíduo, tiramos o seu sentido próprio e isolamos o seu contexto real. (Lancetti et Amarante, 2006).

Este tratar o indivíduo taxado de louco como um objeto, impediu o trato humano, a relação dialógica, afetada e ética, como discutimos no capítulo sobre a Alteridade, do psiquiatra/psicologia para com o seu “paciente”<sup>20</sup>. Os loucos foram afastados de sua família, comunidade e amigos, para serem tratados com pretensa objetividade e fragmentação. Não se era mais *o fulano* de tal, filho de tal pai e tal mãe, que morava na rua tal, no bairro tal, onde acontecem tais e tais coisas. Era-se a *patologia tal*. Todavia, quem melhora longe de seus laços afetivos, justamente em um momento de tamanha vulnerabilidade e indefinição de si?

Os autores (Lancetti et Amarante, 2006) contam que em 1975, na capital da Bahia, no Hospital Juliano Moreira, pacientes ditos esquizofrênicos eram mantidos aprisionados em senzalas, sendo em sua maioria negros. Podemos imaginar as implicações dessas condições à saúde mental dessas pessoas, expostas a uma ferida de seus antepassados que ali, nelas como um trauma herdado, era atualizada. Como se manter estruturado e inteiro em uma situação tão extrema como essa?

A polarização e a crescente fragmentação na era patriarcal extinguíram o sentido de fenômenos que só poderiam ser trabalhados dentro de um todo orgânico. A divisão das pessoas, e também dos acontecimentos e das situações, em parcelas estanques era uma redução da sua potencialidade e uma

---

<sup>20</sup> O próprio termo, paciente, já revela uma polarização e cisão. Uma passividade e destituição de potenciais mais ativos do doente na relação com o médico e com o seu próprio tratamento.



banalização da sua existência. O vazio de referências e estruturas mínimas pode se constituir como um meio social colapsante, como citado no capítulo sobre alteridade (pg. 43 ).

Com o tempo, outras experiências vieram marcar a história da saúde mental, de forma mais restauradora. Como em 1971, em Trieste, na Itália, quando Franco Basaglia “desenvolveu a experiência mais original e radical de transformação do modelo assistencial psiquiátrico”, como relatam Lancetti et Amarante (2006, p. 622). O psiquiatra italiano acreditava que a psiquiatria colocava o ser humano entre parênteses para se focar nas doenças. Ao considerar o homem vivo como algo abstrato, a psiquiatria perdia o contato com o sofrimento real e concreto vivido pelos pacientes, de forma única. Por isso Basaglia resolveu inverter o processo, colocando a doença entre parentes e investindo no ser humano ali à sua frente. A patologia ganhou um contexto, um nome, uma forma, uma individualidade, que a superavam.

Mas há de se admitir que seja muito mais complexo lidar com diversos seres humanos, cada um com suas particularidades, do que com uma única patologia abstrata que se manifesta nos homens como em *tabulas rasas*. “O sujeito, visto em sua totalidade, requer demandas de trabalho, de lazer, de cuidados, de relações e de afetos”, afirmam Lancetti et Amarante (2006, pg. 623). Muitos serviços e muitas mudanças decorreram da postura de Basaglia. Foram criadas oficinas de arte, cinema, teatro; reivindicados espaços de trabalho e de inclusão do louco na sociedade, bem como o fechamento dos manicômios, para a abertura de serviços de saúde capazes de uma maior abertura para este Outro louco e suas características estrangeiras as dos não loucos (neuróticos). E foi uma iniciativa bem sucedida, pois no ano de 1978 foi aprovada na Itália a chamada "Lei 180", ou "Lei da Reforma Psiquiátrica Italiana", também conhecida popularmente como "Lei Basaglia", que instituíram muitas das propostas colocadas acima.

Assim algumas décadas para cá o tratamento e a visão da loucura vem se transformando, cada vez mais os doidos, ou os psicóticos, que é o termo melhor aceito na psiquiatria, são tratados com maior igualdade, incluídos nas suas diferenças, qualidades e capacidades. Infantilizações, maus-tratos, abusos vêm sendo denunciados e combatidos. Há uma maior disposição dos profissionais de saúde para experimentar e aprender com a diferença que vêm nos loucos, para também se deixar tocar e viver um pouco desta outra realidade. Se a loucura pode ser uma patologia, um desequilíbrio, é antes de tudo um mistério que se manifesta em cada pessoa com um sentido diferente.

O movimento anti-manicomial e a clínica institucional, vêm contribuindo imensamente para o aperfeiçoamento ético, e para novas disposições na conduta dos profissionais de saúde. Serão estas sementes de uma crescente alteridade? Sem dúvida há muitos movimentos, em muitas áreas, que seguem este rumo e na saúde este processo é perceptível. Podemos pensar que, quando “loucura” e sociedade não são mais “excluídas uma da outra”, ambos se transformam e contribuem mutuamente. Aquilo que excluímos representa um aspecto complementar de nós mesmo.

A relação da sociedade (coletivo dos neuróticos, aqueles considerados “não loucos”) com o psicótico pode ser pensada como a de uma pessoa “fracassada” e outra “bem sucedida” estabelecida na pg. 39 do segundo capítulo.

A consciência que se desenvolveu a partir das diversas experiências, muito mais numerosas do que as aqui citadas, tem evoluído no sentido de uma saúde mental mais ética, humana e criativa. Em uma consciência de alteridade o Outro pode ser integrado na sua diferença, com seus aspectos irracionais, ilógicos e também com seus aspectos criativos e harmônicos. Seja no interior da vida psíquica, ou no coletivo. A saúde existe nestes espaços nos quais podemos conciliar, fazer acordos e acolher o estrangeiro. Sem nos perder, mas sem permanecer in-afetados. E de um modo geral este espaço de convivência fértil e aberta é a busca de muitas práticas da Psicologia. Um espaço onde um coletivo ou um indivíduo possa trazer tudo de si, o aceito e o não aceito, e existir como um ser integral e não fragmentado. Não apenas mente ou corpo, homem ou mulher, louco ou neurótico. Neste relacionamento consciente e dialógico com o todo está a potência e o fluxo de energia que nos possibilita uma vida mais ampla, nas suas formas mais diversas.

## Considerações finais

*Como a repulsa e não a atração é o principal motor da história, a mudança histórica acontece porque os humanos estão mortificados e irritados pelo que acham doloroso e desagradável em sua condição, porque não querem que essas condições persistam e porque procuram uma maneira de aliviar e reverter seu sofrimento. (Bauman 2003, pg. 23)*

A Psicologia Analítica vê a vida como um processo de desenvolvimento, como um constante buscar e encontrar sentidos para o que se vive. A vida como algo que através de um olhar abstrato e simbólico, transcende a materialidade. Este olhar simbólico nos permite entrar em contato com aspectos do inconsciente, o transcendente por definição. Quando não perdemos de vista este caráter da vida podemos ir além das polarizações e tensões, no sentido de algo maior. Sem polarizar é possível olhar os fenômenos psicológicos e históricos de uma forma mais inteira e dinâmica. A Psicologia de Jung lança um olhar dialético que vai além das polaridades nas quais se baseiam muitas teorias psicológicas.

Uma das intenções desta monografia foi tentar mostrar a diferença de uma visão unilateral e de uma visão dialética e suas implicações. Partindo do pressuposto de que estamos atravessando uma fase de transição de uma visão polarizada para uma visão de Alteridade, nos aprofundar no estudo do desenvolvimento da consciência, e principalmente desta passagem, se faz essencial como forma de compreensão e de busca de sentido para o que vivemos.

Em toda fase de transformação, quando não se é mais o que se era, pois o que se era se tornou insustentável - mas, que, ao mesmo tempo, também não se sabe o que está por vir - vivemos um vazio de sentidos e referências. E as perguntas como: Por que estamos passando por isso? e Para que estamos passando por isso? ressoam...

A primeira pergunta, nos dias de hoje, nos faz olhar para o passado e perceber quanto perdemos a noção de nós mesmos por ter perdido a ligação com a natureza e a nossa origem; e quanto estamos agora fragmentados e mergulhados em formas de distração, entretenimento e, como comentou Jung (apud Stein, 2005) de saciar prazeres supérfluos e momentâneos. Todas estas constatações nos angustiam, nos fazem olhar para um aspecto destrutivo do humano. E podem nos paralisar no medo.

A segunda pergunta é a que nos projeta para o futuro. Olhamos para o passado e constatamos:

*Haverá algum sentido no fato do processo evolutivo culminar com o surgimento da Consciência? Certamente não é para melhorar as chances de sobrevivência, pois o progresso tecnológico ameaça seriamente a continuidade da vida humana e mesmo planetária. A consciência é uma intromissão na ordem natural, como bem mostram os mitos de criação, é um ato de desobediência. (Penna, 2006, pg. 12)*

Com certo esforço, não nos limitamos a apontar os absurdos e os imensos desequilíbrios da nossa época, e podemos, pensando no processo como uma totalidade, entender que nos últimos séculos estávamos, seres humanos, desenvolvendo e explorando a nossa consciência e potencializando o seu centro, o nosso Eu. Sem esta estruturação e sem a compreensão do mundo como divisível e fragmentável como poderíamos vislumbrar uma dialética?

A partir do estudo do sentido de cada ciclo foi possível pensar em um sentido para o que vivemos agora. Um sentido de maior integração com o Outro, por exemplo. Podemos pensar que de forma geral o primeiro ciclo representa um momento de estruturação física e de nutrição do Eu, que habita um mundo familiar e restrito a sua comunidade. O segundo ciclo como um ciclo de exploração do Mundo e dos potenciais humanos, de ocupação, apropriação e estruturação de um Eu, senhor de si.

É a partir do Eu que podemos sustentar as nossas questões, sem uma estrutura sucumbiríamos e recomençariamos a cada interferência (que é o que acontece com um bebê). O Eu se torna um lugar a partir do qual podemos somar experiências, fazer uma ponte entre um pólo e outro, sem nos deslocar completamente para um ou outro.

O terceiro ciclo, com a exacerbação do Eu exige dele um amadurecimento relacional com os aspectos estrangeiros a ele, a si mesmo e ao mundo. O Eu formado no ciclo patriarcal pode acolher o Outro e não mais se perder neste encontro, como acontecia no ciclo Matriarcal. A Alteridade é como um *test-drive* deste Eu, um momento para enfrentar o medo de se misturar e se perder, e perceber aos poucos que o que foi alcançado nos últimos séculos pode dar conta de mais um passo de crescimento que representa uma maior implicação no coletivo. A Alteridade é também um enfrentamento das Sombras e aspectos inconscientes que clamam por uma interiorização e aprofundamento do Eu.

É com medo e coragem que olhamos para o desequilíbrio que uma supervalorização dos aspectos patriarcais gerou a nossa volta. É com compaixão que podemos olhar para o que nos falta, para os

aspectos matriarcais e reconhecê-los como igualmente essenciais á relação Eu-Outro, Eu-natureza, Eu-Self. Dar igual importância ao trabalho e ao prazer, ao prático e ao simplesmente belo, à inspiração e à transpiração, ao claro e ao misterioso. E assim, agora, o movimento não precisa mais ser de ordenar, mas de conciliar, criar novos modos de vida, transitar...

De fato o que sabemos do mundo e do “por que” chegamos aonde chegamos é aterrorizador. Parece imperar, na mídia, nos livros, na política e nas nossas fantasias, um tom de juízo final. E pensar em um pai com suas leis e regras para nos guiar é algo que perdeu o seu sentido. Este pai já foi questionado, as leis foram dissolvidas e o nosso ponto de partida tem sido outro: nós mesmos. A Mãe e o Pai são referências já apreendidas, recursos internos. Mas apesar de tudo isso, a vida parece continuar... para quê?

E, por fim, o quarto ciclo é como um chamado de retorno à Totalidade inicial, um desapego do mundo material e o estabelecimento de um vínculo transcendente.

A discussão filosófica e psicológica dos temas abordados é importante para a conscientização e integração destes aspectos. Na psicoterapia, por exemplo, o Eu pode, a partir da expressão de suas questões e angústias lidar com elas de forma mais concreta e separada de si, como no acontece no dinamismo Patriarcal, para depois integrá-las de novo em si. Quando nos deparamos com os aspectos matriarcais perdidos, com as mudanças que um olhar dialético pode trazer para uma realidade, concluímos que faz sentido, no momento em que vivemos, pensar neste rumo para o desenvolvimento.

Como diz Penna:

*A aproximação entre consciente e inconsciente se realiza pela função transcendente que produz os símbolos, e a elaboração destes conduz a consciência ao que há de mais verdadeiro e necessário para ela no contexto atual. (...) “Os conteúdos do inconsciente se transformam em tarefas e responsabilidades individuais tão logo começam a se tornar conscientes. (Penna, 2006 pg. 21)*

E como o saber nos configura um caminho, uma direção, um modo de agir, podemos escolher agir de acordo com o que sabemos ou não. Por isso o estudo e a discussão deste tema abrem espaço para uma nova visão e uma nova abordagem deste momento de incertezas. Mas, para não cair no mesmo erro, a discussão e o pensamento não bastam frente à vivência daquilo sobre o que se

pensa. Racionalizar e ordenar um pensamento não supre a falta da experiência: vivenciar o fenômeno estudado, para sentir na pele a sua estranheza e aquilo que dele não compreendemos. Sendo assim, o desafio de expor em um só texto idéias e impulsos é válido para a construção de um diálogo, mas não pode conter toda a intensidade do que pulsa, nem abarcar o mistério daquilo que nos afeta e guia.

Espero ter conseguido aqui expor a discussão que fiz com todos os autores apontados, com os meus colegas, meus amigos e mesmo comigo mesma durante o processo de elaboração deste TCC. O propósito não era chegar a uma resposta, mas apresentar as informações de forma dialética deixando um espaço para a empatia e elaborações de cada um e para complementações posteriores.

Algumas tendências foram apontadas, mas nenhuma delas resolve a crise de transição que vivemos, ou o medo do que a nossa existência no planeta possa se tornar. Mas acredito que apontam, frente à escuridão, uma forma de viver nestes tempos, sem perder a sensação de que se está vivo, de que se é potente e de que no encontro existem coisas belas e que alimentam. Creio que estes são os chamados inconscientes deste momento, chamados para um viver íntegro, intenso, compartilhado e profundo...

## Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Helenira Fonsêca de; FREIRE, José Célio. **O lugar da Alteridade na Psicologia ambiental**, Rev. mal-estar subj;7(2):305-328, sept. 2007
- BAUMANN, Zygmunt; **Comunidade - a busca por segurança no mundo atual**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho; **Desenvolvimento da Personalidade**, Atica, São Paulo, 1987
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho **O Desenvolvimento da Personalidade -As sete etapas da vida**, site oficial do autor ([www.carlosbyington.com.br](http://www.carlosbyington.com.br)) disponível em 19/10/2008. Texto provisório de 2006, em continuação para ser publicado.
- CAMPBELL, Joseph e MOISES, Carlos Felipe; **O poder do Mito**, Palas Atena São Paulo, 1990
- CARVALHO, I. C. M. (2003). **Biografia, identidade e narrativa: Elementos para uma análise hermenêutica**. Horiz. Antropol., 9(19). Recuperado em 24 de abril de 2007, da <http://www.scielo.br/scielo.php>
- FOUCAULT, Michel, **História da loucura na idade clássica**. São Paulo, Perspectiva, 1993
- FREIRE, J. C. (2002). **O lugar do outro na modernidade tardia**. São Paulo: Annablume.
- GAIA EDUCATION site oficial: <http://www.gaiaeducation.org/> disponível no dia 30/10/2008
- GUATTARI, Felix . **As três ecologias** . Campinas, São Paulo : Papirus, 1990

- “HIPÓTESE GAIA” MARGULIS E LOVELOCK, 1969,  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip%C3%B3tese\\_de\\_Gaia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip%C3%B3tese_de_Gaia), Disponível em 30/10/2008
  
- JACOBY, Mario. **Saudades do paraíso: perspectivas psicológicas de um arquétipo**. Paulus, São Paulo, 2007.
  
- JUNG, C.G. et al., **O Homem e seus Símbolos**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1976.
  
- JUNG, C. G. **Sincronicidade**. 5a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. v. VIII/3. (Texto original “Sincronicidade: um princípio de conexões acausais” publicado em 1952 com um artigo do físico Pauli, Wolfgang)
  
- JUNG, Carl Gustav .**Tipos Psicológicos**. (translation Orth, Lúcia) Ed. Vozes, Petrópolis, Brazil, 1991
  
- JUNG, Carl Gustav / editado por SABINI, Meredith . **The Earth Has a Soul: the nature writings of C. G. Jung** . Berkeley, California : North Atlantic Books, 2002.
  
- LACAN, J. **O Estágio do espelho como constituinte do Eu**. In Lacan, J., *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1988
  
- LANCETTI, A., AMARANTE, P. **Saúde mental e saúde coletiva**. In: Campos GWS *et al*, editors. Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006. p.615-634
  
- LÉVINAS, E. (2004) **Entre nós: Ensaio sobre a Alteridade** (2a ed.) Petrópolis, RJ: Vozes.
  
- MARÇOLLA, Bernardo Andrade . **Os desafios da Psicologia frente à questão ecológica: rumo à complexa articulação entre natureza e subjetividade** . Psicologia: Ciência e Profissão Brasília, v.



22 n.1 mar. 2002.

- PENNA, Eloisa M. D., **Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C.G. Jung**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003
- PENNA, Eloisa M. D., **Pesquisa em Psicologia Analítica: Pressupostos e Procedimentos**, texto não publicado, 2006
- PENNA, Eloisa M. D., **Jung e a pós -modernidade**, Junguiana V. 24, p 15-24, São Paulo, SBPA, 2006
- PENNA, Eloisa M. D. **Pesquisa em psicologia analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador**, Bol. psicol v.57 n.127 São Paulo dez. 2007
- PINHEIRO, José Q. Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor . **Estudos de Psicologia** Natal, v.2 n.2 jul/dez . 1997.
- RAMOS, Denise Gimenez, *A psique do corpo*, Ed. Summus, São Paulo, 2006
- ROLNIK, S. (1992). **Diálogo e Alteridade**. Boletim de Novidades, 5(44), 35-44.
- SARTRE, Jean Paul. (2000). **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes.
- STEIN, Murray, **O Mapa da Alma - Uma Introdução**, Cultrix, São Paulo, 2005
- VELOSO, Caetano, **Sampa**, in Muito (Dentro da estrela azulada),1978
- WHITMONT, Edward, C. **O Retorno da Deusa**, Summus, São Paulo, 1991

- ZANELLA, **Sujeito e Alteridade: reflexões a partir da Psicologia histórico-cultural**, Psicol. Soc. vol.17 no.2 Porto Alegre May/Aug. 2005

### Referências das Imagens

- CRANACH, Lucas, **Adão e Eva**, 1513/15, Mainfränkisches Museum. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pecado\\_original](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pecado_original), acessado em 18/10/2008

- CURTIS, Edward, **A Smoky Day at the Sugar Bowl** - Hupa, 1923 Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Edward\\_S.\\_Curtis](http://en.wikipedia.org/wiki/Edward_S._Curtis), acessado em 18/10/2008

- GOYA, **Retrato em pintura de uma família**, 1788, Museo del Prado. Fonte: The Yorck Project: *10.000 Meisterwerke der Malerei*. DVD-ROM, 2002. ISBN 3936122202. Distributed by DIRECTMEDIA Publishing GmbH. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Familia>, acessado em 18/10/2008

- GOYA, **O Sonho da Razão**, 1798, Museu do Prado. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Razao>, acessado em 18/10/2008

- KAHLO, Frida, **The Love Embrace of the Universe, the Earth (Mexico), Diego, Me and Señor Xólotl**, 1949; The Jacques and Natasha Gelman Collection of Modern and Contemporary Mexican

- LARREA, Cecília, **"Quieres?"**, Feria de Mataderos, Buenos Aires, Argentina, 03/2008

- SEM AUTOR, (**Imagem de escada em espiral**), disponível em: <http://fermentocinico.blogspot.com/2006/09/02/>, em 30/10/2008.

- SEM AUTOR (**Venus de Willendorf**), Museu da história Natural de Viena, 2004. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:VenusWillendorf.jpg>, em 30/10/2008

-SEM AUTOR (afresco datado de 89 a.C e 79 d.C, Museu Arqueológico Nacional (Nápoles), Itália). Disponível em: [http://es.wikipedia.org/wiki/Imagem:Mercury\\_god.jpg](http://es.wikipedia.org/wiki/Imagem:Mercury_god.jpg), em 30/10/2008

- SEM AUTOR, (**foto da cidade de São Paulo, Zona Oeste**). Fonte: <http://www.fotosedm.hpg.ig.com.br/>. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Saopaulo\\_paulista.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Saopaulo_paulista.jpg), acessado em 19/10/2008

- SILVA, Mauro, **tela 100 X 150 2003, sem título, s/d**, disponível no site de imagens do autor: <http://flickr.com/people/mauroart/> , acessado em 20/10/2008

- SILVA, Mauro, **sem título**, Itália, **s/d**. Disponível no site de imagens do autor: <http://flickr.com/people/mauroart/> , acessado em 20/10/2008

- SILVA, Mauro, **tela 50 X 30 , sem título, s/d**. Disponível no site de imagens do autor: <http://flickr.com/people/mauroart/> , acessado em 20/10/2008



(Silva, Mauro, s/d, tela 50x30 cm)